

VISÃO SP

N.º 36 | Ano 17 | Outubro 2025 | Quadrimestral | € 0,01



ACEDA À VERSÃO DIGITAL

PONTO DE ENCONTRO DA RETINA COM A GENÉTICA

Nos dias 24 e 25 de outubro, Vidago acolhe a Reunião Conjunta do Grupo Português de Retina e Vítreo (GPRV) com o Grupo Português de Patologia Oncológica e Genética Ocular (GPPOGO). Uma sinergia entre duas secções da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO) com muitos pontos de encontro, que vão discutir alguns *hot topics* da atualidade, como o aparecimento de novos tratamentos médicos e cirúrgicos, incluindo a terapia génica, nomeadamente para as doenças da retina. O evento também integra a IV Reunião do GPRV com a Sociedade Espanhola de Retina e Vítreo, bem como a participação do Grupo de Estudos da Retina **P.18-19**



INOVAÇÃO REFORÇA IMPACTO DA OFTALMOLOGIA

Graças a inovações como a tomografia de coerência óptica de alta resolução, sobre a qual vai falar na Reunião Conjunta do GPRV com o GPPOGO, o **Prof. Giovanni Staurenghi** antevê que os oftalmologistas assumam um papel cada vez mais relevante na identificação e na compreensão de doenças de outros foros, nomeadamente cardíacas e neurológicas. O diretor do Departamento de Ciências Biomédicas da Clínica Universitária de Oftalmologia do Hospital Luigi Sacco, em Milão, aborda também os principais avanços terapêuticos, sobretudo para doenças como a degenerescência macular da idade e a atrofia geográfica **P.6-7**

MAIOR ENCONTRO DA OFTALMOLOGIA NACIONAL

Aproxima-se o 68.º Congresso Português de Oftalmologia, que se realizará em Vilamoura, entre os dias 4 e 6 de dezembro. A Sociedade Portuguesa de Oftalmologia mantém a aposta num programa científico representativo das várias subespecialidades, contando com a colaboração de todas as suas secções. Com convidados nacionais e internacionais de elevada crença científica e uma diversificada oferta formativa, este congresso será mais uma oportunidade imperdível de atualização, formação e contacto com o que de melhor se pratica na Oftalmologia **P.13**



ESTEVE

FINAL DE ANO COM ATIVIDADE INTENSA



Editorial

No outono, a atividade da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO) é particularmente intensa, com a realização de dois encontros muito especiais: a Reunião Anual do Grupo Português de Retina e Vítreo (GPRV), que, este ano, integra o Grupo Português de Patologia Oncológica e Genética Ocular, realizando-se nos dias 24 e 25 de outubro, em Vidago; e o sempre marcante Congresso Português de Oftalmologia. São reuniões de grande relevância, às quais queremos dar destaque, convidando todos os sócios a participar ativamente.

A reunião de Vidago (P.18 e 19) contará com a presença de colegas espanhóis, pois também integra a IV Reunião GPRV-SERV (Sociedad Española de Retina y Vítreo), fomentando, assim, o intercâmbio científico com o país vizinho nesta área. A retina médica e cirúrgica, a inflamação retiniana e a terapia genética, abordadas em sessões de *update*, conferências, simpósios e vídeos, prenderão, certamente, a atenção dos participantes.

Entre 4 e 6 de dezembro, Vilamoura acolherá a comunidade oftalmológica no 68.º Congresso Português de Oftalmologia (P.13), que será uma oportunidade privilegiada para atualizar conhecimentos nas mais diversas áreas da Oftalmologia, reencontrar amigos, conhecer novas tecnologias e resultados terapêuticos, contactar com os mais recentes trabalhos de investigação e assistir a debates, vídeos, simpósios, comunicações livres e pósteres. Além dos maiores especialistas nacionais das várias subespecialidades, estarão ainda presentes dezenas de palestrantes estrangeiros e representantes de diversas sociedades científicas internacionais, enriquecendo o grande Congresso da SPO. No sábado, 6 de dezembro, serão anunciados os trabalhos vencedores dos prémios, alguns deles novos em resultado da maior abrangência introduzida em 2025.

Entre as atividades mais recentes, a SPO assinalou o Dia Mundial da Retina, 29 de setembro, com uma campanha de *disease awareness* desenvolvida em parceria com o Grupo de

Estudos da Retina e divulgada na rádio, na imprensa, na televisão e nas redes sociais (P.4). Já a 9 de outubro celebrou-se o Dia Mundial da Visão e, mais uma vez, os meios de comunicação social ampliaram a mensagem da SPO, este ano com especial enfoque em patologias como a miopia, a degenerescência macular da idade, a catarata, a presbiopia, as uveítes, o queratocone e o descolamento da retina (P.4).

A par das reuniões científicas, das revistas científica (*Oftalmologia*) e informativa (*Visão SPO*), das rubricas *What's New*, dos *webinars* (P.10), das publicações e ações culturais (P.5) e de novas iniciativas como os *videocasts* do projeto OftalmoGPS (P.14 e 15), enquanto sociedade científica, temos a responsabilidade de promover também a divulgação dos problemas visuais que afetam os portugueses. Assim, contribuímos para uma sociedade do conhecimento assente em informação rigorosa, que é prestada diretamente pela SPO e pelos seus médicos.

A SPO conta com todos os seus sócios para ampliar o alcance das suas iniciativas e assim reforçar, continuamente, o papel do médico oftalmologista em Portugal!



PEDRO MENÉRES

Presidente da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia



EVENTOS DA SPO EM 2026

Reunião Conjunta do Grupo Português de Glaucoma com o Grupo Português de Neuroftalmologia

13 e 14 de março

Vila do Conde

Eyelimpics 2026

10 e 11 de abril

Zona Centro

Reunião Conjunta do Grupo Português de Cirurgia Implanto-Refrativa com o Grupo Português de Superfície Ocular, Córnea e Contactologia e o Grupo Português de Órbita e Oculoplástica

28 a 30 de maio

Albufeira

Reunião Anual dos Internos de Oftalmologia

20 e 21 de junho

Zona Centro

Reunião Conjunta do Grupo Português de Retina e Vítreo com o Grupo Português de Ergoftalmologia e Baixa Visão e o Grupo Português de Oftalmologia Pediátrica e Estrabismo

23 e 24 de outubro

Porto

69.º Congresso Português de Oftalmologia

3 a 5 de dezembro

Vilamoura

FICHA TÉCNICA



Propriedade:
Sociedade Portuguesa de Oftalmologia

Campo Pequeno, n.º 2, 13.º andar, 1000-078 Lisboa
Tel.: (+351) 217 820 443 • Tlm: (+351) 924 498 989
geral@sportofthalmologia.pt • socportofthalmologia@gmail.com
www.sportofthalmologia.pt



Edição: Esfera das Ideias, Lda.

Rua Eng.º Fernando Vicente Mendes, n.º 3F (1.º andar), 1600-880 Lisboa
Tlf.: (+351) 218 155 107 geral@esferadasideias.pt

Direção de projetos: Madalena Barbosa e Ricardo Pereira

Coordenação editorial: Pedro Bastos Reis

Textos: Diana Vicente, Madalena Barbosa, Matilde Dias, Pedro Bastos Reis,

Pedro Manuel Lopes e Raquel Oliveira

Design/Web: Ricardo Pedro

Fotografias: Nuno Branco, Ricardo Almeida e Rui Santos Jorge



Patrocinadores desta edição:



ESTEVE

HOYA

Roche

Salvat

Publicação isenta de registo na ERC, ao abrigo do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 6 de junho, artigo 12.º, 1.ª alínea.

Depósito Legal n.º 338827/12



Em Foco

NOTÍCIAS

CAMPANHAS DE SENSIBILIZAÇÃO MEDIÁTICA



Cartaz da campanha do Dia Mundial da Retina (29 de setembro) promovida pela SPO e pelo GER, com o apoio da Bayer e da Roche.



O Dr. Miguel Amaro em conversa com a apresentadora Cristina Ferreira, no programa "Dois às 10", da TVI, a 29 de setembro.

Mais registos, com vídeos e artigos da imprensa, da repercussão mediática das campanhas da SPO no Dia Mundial da Retina e no Dia Mundial da Visão



“A diabetes pode tirar a sua visão! O rastreio da retina, a tempo, previne.” Foi este o mote da campanha promovida pela Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO) e pelo Grupo de Estudos da Retina (GER) no âmbito do Dia Mundial da Retina, 29 de setembro. Além da divulgação nas redes sociais e canais digitais da SPO, a campanha foi amplamente divulgada nos órgãos de comunicação social.

Por exemplo, na rádio TSF e no *Jornal de Notícias*, foram divulgadas declarações do Prof. Pedro Menéres (presidente da SPO) e do Dr. Miguel Lume (coordenador do Grupo Português de Retina e Vítreo) sobre a importância de prevenir a retinopatia diabética. Já no programa “Dois às 10”, da TVI, o Dr. Miguel Amaro falou sobre as principais doenças da retina, reforçando a pertinência do diagnóstico precoce e do seguimento médico.

Também no âmbito do Dia Mundial da Visão, assinalado a 9 de outubro, a SPO lançou uma campanha de sensibilização pública, que teve grande repercussão mediática. “Ver é viver. Projeta a sua visão. A prevenção faz a diferença” foi o lema da ação, que incluiu a publicação de artigos escritos por membros da direção da SPO, ao longo de uma semana, no *Jornal de Notícias*.

No dia 9 de outubro, o Prof. Pedro Menéres esteve no programa “Praça da Alegria”, da RTP, para falar sobre a importância de cuidar da saúde ocular em todas as fases da vida, referindo as principais doenças oftalmológicas. No mesmo dia, o Dr. Vítor Maduro, secretário-geral da SPO, participou no programa “Dois às 10”, da TVI, no qual chamou a atenção para a necessidade de consultas oftalmológicas regulares e para o impacto das doenças crónicas da visão.



Cartaz da campanha do Dia Mundial da Visão (9 de outubro) promovida pela SPO, com o apoio das Farmácias Portuguesas e da Roche.



No Dia Mundial da Visão, o Prof. Pedro Menéres foi entrevistado pelo apresentador Jorge Gabriel, no programa “Praça da Alegria”, da RTP.



No mesmo dia, o Dr. Vítor Maduro participou no programa “Dois às 10”, da TVI, respondendo a várias questões de Cláudio Ramos e Cristina Ferreira.

CONGRESSO DA EUCORNEA 2026 EM PORTUGAL



Entre os dias 22 e 24 de maio de 2026 decorrerá, no Centro de Congressos da Alfândega do Porto, a 17.ª edição do Congresso da European Society of Cornea & Ocular Surface Disease Specialists (EuCornea). Tratando-se de uma das principais reuniões científicas nesta área ao nível mundial, são esperados “cerca de 600 participantes”.

“A organização deste congresso representa um marco para a Oftalmologia portuguesa, que tem vindo a ganhar cada vez mais influência no contexto internacional”, enaltece o **Dr. Miguel Mesquita Neves**, coordenador do Grupo Português de Superfície Ocular, Córnea e Contactologia (GPSOCC) da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO).

Conforme recorda o também oftalmologista na Unidade Local de Saúde de Santo António, no Porto, a possibilidade de realizar este congresso internacional surgiu “após alguns meses de conversações com o *board* da EuCornea”, que acolheu favoravelmente a iniciativa nacional. “A SPO foi envolvida na organização, através da criação de um grupo de trabalho encarregue de garantir as condições necessárias para a realização do evento”, sublinha.

A parceria entre a EuCornea e a SPO terá o seu ponto alto num simpósio conjunto, no qual será abordada “a cirurgia refrativa em situações atípicas”. “Serão discutidos temas como o papel da inte-

ligência artificial no diagnóstico da patologia da córnea, a cirurgia de catarata em doentes com patologia corneana, a implantação de anéis intraestromais no tratamento de córneas irregulares e o papel da ceratectomia fototerapêutica e da ceratectomia fotorrefrativa em córneas patológicas e no pós-transplante de córnea”, revela Miguel Mesquita Neves. A SPO participará ainda noutros momentos do congresso, nomeadamente “numa sessão de discussão de casos complexos destinada a internos e jovens oftalmologistas, assim como em *dry e wet labs*”.

Apesar de ainda estar em construção, Miguel Mesquita Neves garante que o programa científico do 17.º Congresso da EuCornea incidirá sobre os *hot topics* da área, com destaque para a transplantação endotelial e para as novidades terapêuticas no âmbito do olho seco e de outras condições mais graves. O evento também terá uma vertente de apoio à investigação, com espaço para a apresentação de pôsteres e vídeos, esperando-se uma vincada participação nacional. “Apelo a uma adesão massiva dos internos e especialistas portugueses, de forma a engrandecer o nome de Portugal neste congresso tão importante”, remata Miguel Mesquita Neves.



SPO “DE OLHO” NA CULTURA

A Secção de Cultura da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO) tem promovido diversas atividades, seja nas reuniões de subespecialidade ao longo do ano, seja com participações em eventos como o VII Congresso Internacional Diálogos Luso-Sefarditas, que se realizou em junho. Uma novidade lançada em 2025 é a rubrica “De Olho na Cultura”, com textos que estabelecem paralelismos entre a Oftalmologia e várias áreas e figuras científicas e artísticas, que são divulgados no *website* e nas redes sociais da SPO.

 **Pedro Bastos Reis**

Dar a conhecer as relações com a Oftalmologia e as doenças oculares de “vultos” nacionais e internacionais da cultura e da ciência é o objetivo da rubrica “De Olho na Cultura”, que foi lançada no passado mês de maio, pela Secção de Cultura da SPO, materializando-se na publicação de artigos históricos e com curiosidades, no *website* e nas redes sociais da SPO. Escritos pelo Dr. Walter Rodrigues, coordenador da Secção de Cultura da SPO e ex-diretor do Serviço de Oftalmologia da Unidade Local de Saúde de Santa Maria, em Lisboa, os dois primeiros artigos centram-se em Pedro Hispano e Camilo Castelo Branco.

“Pedro Hispano, que foi eleito Papa João XXI a 20 de setembro de 1276, foi um vulto na ciência e na medicina europeias, tendo escrito vários textos médicos, inclusivamente sobre Oftalmologia”, explica Walter Rodrigues, destacando a obra *Liber de Óculo*, “um tratado de Oftalmologia muito difundido na época nas mais famosas universidades europeias”. Já sobre Camilo Castelo Branco, “um dos grandes escritores portugueses”, o oftalmologista sublinha o “efeito trágico da sífilis”, doença de que o autor de *Amor de Perdição* sofreu, causando-lhe “uma cegueira progressiva”, que o impediu de ler e escrever, resultando em suicídio.

Walter Rodrigues escreveu ainda um artigo sobre António Plácido da Costa, “uma figura marcante da Oftalmologia portuguesa”, que foi divulgado em setembro. “O disco de Plácido é hoje o epónimo português mais conhecido nos congressos da Oftalmologia de todo o mundo”, realça o autor, considerando que esta invenção portuguesa “ainda hoje influencia a tecnologia médica”.

Além destes três artigos do coordenador da Secção de Cultura da SPO, estão publicados mais dois textos: um sobre a escrita do romance *Ensaio sobre a Cegueira* ter sido influenciada por um descolamento da retina que José Saramago sofreu, da autoria

da Prof.^a Inês Leal e divulgado em junho; e outro sobre o impacto da catarata na vida do pintor Claude Monet, escrito pelo Dr. Mário Raimundo e publicado em julho.

Para os próximos meses, está prevista a divulgação de mais textos na rubrica “De Olho na Cultura”, uma iniciativa que, garante Walter Rodrigues, “está aberta a qualquer oftalmologista que queira participar”.

ATIVIDADES NAS REUNIÕES

Outra vertente essencial da atividade cultural da SPO tem decorrido no âmbito das suas principais reuniões científicas. Um dos jantares da Reunião dos Grupos Portugueses de Glaucoma e de Inflamação Ocular, que decorreu nos dias 14 e 15 de março, contou com a atuação do violinista Eduardo Tavares.

Já na Reunião dos Grupos Portugueses de Cirurgia Implanto-Refrativa, de Superfície Ocular, Córnea e Contactologia e de Oftalmologia Pediátrica e Estrabismo, que se realizou entre 22 e 24 de maio, o escultor Rodrigo Ferreira falou sobre a sua obra. “É uma figura proeminente da Escultura, com mais de 20 anos de experiência e cerca de 150 obras internacionais. Em dezembro de 2024, participou na exposição “Art Below Zero”, em Amsterdão, onde construiu um palácio de gelo, para recriar o edifício histórico dessa cidade conhecido por Palácio de Cristal. A obra demorou 11 dias a ser construída e consumiu seis toneladas de gelo. Este escultor, que é conhecido pelas suas obras em areia e gelo, já ganhou vários prémios nacionais e internacionais”, indica Walter Rodrigues. Na Reunião dos Grupos Portugueses de Retina e Vítreo e de Patologia Oncológica e Genética Ocular (24 e 25 de outubro, em Vidago), um pianista irá tocar nos dois jantares. Para fechar o ano cultural, no 68.º Congresso Português de Oftalmologia (4 a 6 de dezembro, em Vilamoura), realizar-se-á uma exposição de pintura, cujos detalhes serão revelados brevemente. “Queremos que todas as reuniões científicas da SPO tenham uma componente cultural”, afiança Walter Rodrigues.



Aceda aos artigos publicados na rubrica “De Olho na Cultura”, no *website* da SPO



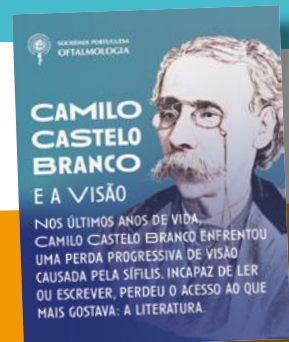
Dr. Walter Rodrigues com o escultor Rodrigo Ferreira, que falou sobre as suas obras em gelo e areia na Reunião dos Grupos Portugueses de Cirurgia Implanto-Refrativa, de Superfície Ocular, Córnea e Contactologia e de Oftalmologia Pediátrica e Estrabismo, em maio.

Participação em congresso luso-sefardita

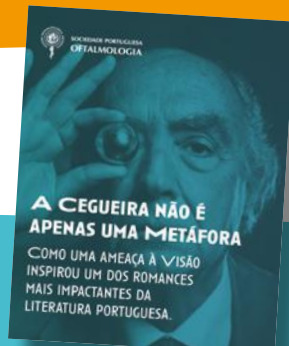
A SPO esteve representada no VII Congresso Internacional Diálogos Luso-Sefarditas, decorrido entre 4 e 6 de junho, em Coimbra. “Cidades-mundo de memória judaica” foi o mote deste evento, que reuniu especialistas de várias áreas e geografias para debater a herança e a influência sefarditas. Walter Rodrigues apresentou, no dia 5 de junho, “um trabalho desenvolvido no seio da SPO” sobre a correspondência em latim, no século XVII, entre o médico português Rodrigo de Castro e o erudito belga Helias Putschius. “Nessa troca de cartas, decorrida entre 1601 e 1602, é descrito o tratamento oftalmológico que existia na época. Helias Putschius sofria de ambliopia, que lhe poderá ter sido causada por uma hipermetropia e uma anisometropia”, resume o coordenador da Secção de Cultura da SPO.



O artigo “Pedro Hispano, o Papa João XXI” foi publicado a 20 de maio.



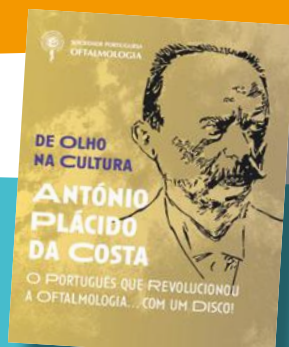
O artigo “Camilo Castelo Branco e a visão” foi publicado a 29 de maio.



O artigo “Saramago e a cegueira que ilumina” foi publicado a 30 de junho.



O artigo “As cataratas de Claude Monet” foi publicado a 30 de julho.



O artigo “António Plácido da Costa” foi publicado a 12 de setembro.



“A OFTALMOLOGIA PODERÁ ASSUMIR UM PAPEL CADA VEZ MAIS RELEVANTE NA COMPREENSÃO DE DOENÇAS DE OUTROS FOROS”



DR

Graças às novas tecnologias, que permitem visualizar os pequenos vasos com grande precisão, o **Prof. Giovanni Staurenghi**, diretor do Departamento de Ciências Biomédicas da Clínica Universitária de Oftalmologia do Hospital Luigi Sacco, em Milão, antevê que os oftalmologistas assumam um papel cada vez mais relevante na identificação e na compreensão de doenças de outros foros, nomeadamente cardíacas e neurológicas. Com uma carreira também muito dedicada à investigação, sobretudo na área da degenerescência macular da idade (DMI), o oftalmologista e professor na Universidade de Milão é um dos convidados da Reunião do Grupo Português de Retina e Vítreo (GPRV) com o Grupo Português de Patologia Oncológica e Genética Ocular (GPPOGO), na qual falará sobre os avanços da tomografia de coerência óptica (OCT) de alta resolução, no dia 25 de outubro.

 Raquel Oliveira

Na Reunião Conjunta do GPRV com o GPPOGO, a sua conferência incide sobre a OCT de alta resolução.

O que a distingue da OCT convencional?

A OCT de alta resolução aumenta a resolução axial e não a transversal, passando de cinco para até dois micrómetros. As imagens obtidas mostram muito mais linhas, que precisamos de saber interpretar para daí retirarmos mais informação.

Que informação clínica é possível obter com a OCT de alta resolução e como pode ser utilizada no diagnóstico das doenças da retina?

Esta tecnologia é importante, sobretudo, para avaliar a parte externa da retina, pois permite diferenciar, por exemplo, a membrana de Bruch e o epitélio pigmentar, o que é crucial para identificar a DMI nas suas fases iniciais. Também em fases intermédias e mais avançadas, como a atrofia geográfica, possibilita uma melhor identificação da zona elipsoide e da camada nuclear externa, bem como uma medição mais fidedigna dessa e de outras camadas finas. A OCT de alta resolução permite ainda uma melhor visualização dos vasos retinianos e da membrana epirretiniana. Atualmente, é possível utilizar a óptica adaptativa para observar essa membrana, mas o campo de visão é muito pequeno e exige mais tempo.

Qual é a principal mais-valia desta tecnologia?

A OCT de alta resolução pode ajudar-nos a compreender melhor o que, durante muitos anos, observámos com a angiografia fluoresceínica. Assim, quando o corante extravasa, conseguimos perceber a causa e as alterações estruturais subjacentes. Dispomos também de dados que demonstram ser possível identificar doentes com hipertensão arterial e lesão de órgão associada. Apenas observando o fundo do olho e a parede vascular, conseguimos interpretar alterações relacionadas com uma doença sistémica. Acredito que, ao conseguirmos ver mais detalhes, vamos aprender ainda muito e melhorar a nossa prática clínica.

A deteção de alterações nas fases iniciais de doenças como a DMI e a atrofia geográfica também permitirá o desenvolvimento de tratamentos personalizados?

Sim e, ao permitir visualizar pequenas alterações, a OCT de alta resolução também poderá ser útil para compreender melhor o efeito dos novos medicamentos. Um dos problemas associados à atrofia geográfica é a abordagem ser tardia, quando já há falta de tecido, pelo que o controlo da doença torna-se mais difícil e a visão pode ficar comprometida. É muito complicado planear ensaios clínicos para a DMI intermédia, porque podem passar dez anos até ao desenvolvimento de atrofia geográfica. Assim, o que procuramos é identificar marcadores mais precocemente, pelo que dispomos de um equipamento que nos permite observar as alterações na retina com muito mais detalhe poderá facilitar essa identificação e a realização de estudos, sem esperar pela fase de atrofia geográfica, quando a lesão já está instalada.

Existem novidades para o tratamento da atrofia geográfica?

Na Europa, infelizmente, não temos novidades, porque os dois medicamentos disponíveis nos Estados Unidos e na Austrália não foram autorizados pela European Medicines Agency. Essa decisão é discutível, porque a avaliação baseia-se, sobretudo, na função visual, que é variável, em vez de valorizar resultados anatómicos mais objetivos, como acontece na Oncologia. A avaliação da função baseia-se no teste de acuidade visual, que tem uma componente psicológica, ou seja, o nível de sofrimento do doente influencia o resultado. Se o doente estiver deprimido, não consegue ver nada, mesmo que a fóvea e a zona em redor estejam perfeitas; se estiver muito motivado, consegue utilizar uma área muito pequena da retina para ler. Há ainda outras variáveis com impacto, como a localização da atrofia e a velocidade de leitura, que poderiam ser consideradas num nível intermédio de DMI, mas não quando já existe atrofia geográfica.

É expectável que surjam novas terapêuticas em breve?

Neste momento, estão a decorrer vários ensaios clínicos com diversas abordagens terapêuticas, sendo a inibição do complemento um dos potenciais alvos. O tratamento pode ser local ou sistémico e a maior suscetibilidade a infeções exige vacinação prévia. Outras abordagens em estudo atuam ao nível das mitocôndrias ou recorrem à fotobiomodulação. O problema é a escassez de dados que atestem a eficácia destes tratamentos, porque são necessários cinco anos para tirar conclusões dos ensaios clínicos dirigidos à atrofia geográfica. Comprovando-se a sua eficácia, estas abordagens serão bem-vindas, até por serem não invasivas.

Tem havido avanços no campo da genética?

Sim, também há ensaios clínicos centrados na terapia genética para a atrofia geográfica. Tal como aconteceu com os anti-VEGF para a DML neovascular, serão necessárias várias tentativas até encontrar a molécula de inibição certa. No caso da DML neovascular, existem alguns dispositivos de libertação lenta, que permitem administrar o medicamento apenas a cada seis ou nove meses, mantendo a acuidade visual por até sete anos. Temos ainda fármacos baseados em anti-VEGF ou interleucinas a serem usados na retinopatia diabética e na uveíte. Felizmente, há muitas terapias em desenvolvimento, devido ao grande interesse dos laboratórios farmacêuticos por este campo, mas o maior desafio continua a ser a DML intermédia, para a qual não há ainda indicadores de eficácia terapêutica.

A inteligência artificial (IA) pode ajudar a obter diagnósticos mais precoces e tratamentos mais eficazes?

A IA pode ajudar-nos no processo de diagnóstico ou a tratar melhor os doentes, contudo, exige enquadramento legal e certificação para fins médicos. Não nos podemos esquecer de que a responsabilidade será sempre nossa e que a ação médica é que é avaliada pelas autoridades. Acredito que a IA pode realmente ajudar, mas precisamos de ter a consciência de que não pode tomar decisões por nós, e ainda bem, caso contrário, os médicos poderiam desaparecer! A decisão final é nossa e não da máquina!

De que forma a IA pode ajudar no campo da OCT?

Um aspeto que considero bastante revolucionário é a capacidade de, a partir de uma base de dados de OCT, a IA extrair a lista de doentes com determinadas características do nosso interesse. Esta resposta representa uma mudança de paradigma, tal como a PubMed alterou o nosso processo de estudo. Na Europa, temos uma Medicina bastante social, em que os doentes acorrem muito aos hospitais, e é realmente complicado gerir o momento certo de cada tratamento. No futuro, poderemos dispor de dispositivos domésticos de OCT, que permitirão monitorizar os doentes no seu domicílio, com idas aos hospitais apenas quando necessário. Nesse cenário, a IA analisaria as imagens e alertaria o médico em caso de alteração, possibilitando uma gestão mais eficaz dos doentes. Acredito que, dentro de alguns anos, o custo destes dispositivos com IA será acessível e assistiremos a uma mudança de paradigma.



Prof. Giovanni Staurenghi acompanhado pelo Prof. Rufino Silva e pelo Dr. Miguel Lume, nas XXXIII Jornadas Internacionais de Oftalmologia do Hospital de Santo António, que se realizaram no Palácio da Bolsa, no Porto, em abril de 2019.

O acompanhamento comunitário dos doentes é também um caminho de futuro?

Certamente! Em Milão, no Hospital Luigi Sacco, onde exerço, estamos a trabalhar com as autoridades para alargar o seguimento e o tratamento dos doentes a unidades comunitárias próximas dos seus domicílios. Ainda que os custos indiretos não sejam contabilizados, sabemos que a parte mais dispendiosa do tratamento está associada aos familiares, desde logo com o tempo gasto em deslocações aos hospitais e no acompanhamento dos doentes, perdendo dias de trabalho. Têm de ser consideradas soluções que permitam minorar esse impacto económico.

Ao longo da sua carreira, tem desenvolvido muita investigação nas áreas da imagem e do tratamento das doenças da retina.


Em que projetos está atualmente envolvido?

No campo da imagem, estou a trabalhar em projetos orientados para a autofluorescência, em particular a autofluorescência a cores, a oftalmoscopia de imagem por tempo de vida de fluorescência e a OCT de alta resolução. Relativamente a tratamentos das doenças da retina, estou envolvido em diferentes ensaios clínicos.

A curto e médio prazos, que alterações prevê para a prática da Oftalmologia?

É difícil dizer, mas, no campo cirúrgico, antecipo que os robôs possam melhorar a qualidade das cirurgias. Contudo, o elevado custo poderá limitar a sua aplicação. Penso que devemos procurar novos instrumentos que nos ajudem a melhorar o diagnóstico e o tratamento dos doentes, mas reconheço que tal implica investimento e o seu natural retorno, pelo que será um grande desafio. A tecnologia está a avançar mais depressa do que imaginamos, mas a sua utilização em larga escala esbarra com os elevados custos. O início de um novo tratamento é sempre muito dispendioso. Por exemplo, a primeira terapia genética aprovada para uma doença oftalmológica custava 700 mil euros por injeção. Acredito que, dentro de dez anos, a Medicina será completamente diferente da atual, mas a velocidade da mudança dependerá do tempo necessário até obtermos resultados a preços acessíveis.

Como perspectiva o futuro da Oftalmologia?

Acredito que a Oftalmologia poderá assumir um papel cada vez mais relevante na compreensão de doenças de outros foros, nomeadamente neurológico ou cardíaco. Graças às novas tecnologias, conseguimos visualizar, com grande precisão, os pequenos vasos, algo que os colegas de especialidades como a Cardiologia não conseguem com a mesma facilidade. Por isso, é provável que a Oftalmologia ganhe progressivamente maior relevância, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada de outro tipo de doenças para além das oftalmológicas. 

SABIA QUE...

...há uma grande correlação entre os níveis de melanina e a anatomia da fóvea?

O Prof. Giovanni Staurenghi está atualmente envolvido num estudo que o comprova. “Sabemos que, no centro da fóvea, onde está a sua máxima função, não existem vasos sanguíneos. No entanto, neste estudo, verificámos que, nos albinos, que têm ausência total ou parcial de melanina, o centro da fóvea tem vasos sanguíneos. Por outro lado, sabe-se que as pessoas negras têm a fóvea maior, mas desconhecíamos que pequenas variações de melanina podem interferir com o seu tamanho”, revela. Portanto, conclui o oftalmologista, “será interessante perceber se essas variações se correlacionam com o desenvolvimento de doenças e com a resposta aos tratamentos”.





COESÃO E DINAMISMO DE UMA EQUIPA QUE QUER CRESCER



EQUIPA (da esq. para a dta.): À frente – Renata Mesquita (ortoptista), Sandra Ramos (ortoptista), Dr.ª Andreia Silva, Dr.ª Joana Campos, Dr.ª Tânia Rocha, Dr.ª Rita Massa, Teresa Ferreira (ortoptista coordenadora) e Filipa Ferreira (administrativa). Atrás – Tiago Santos (ortoptista), Cármen Claro (auxiliar), Sophie Antonio (ortoptista), Rosa Aparício (administrativa), Enf.º Jorge Figueira (enfermeiro gestor), Dr. Manuel Mariano (diretor do Serviço de Oftalmologia), Dr. André Coutinho, Dr. Dionísio Cortesão, Dr. Diogo Lopes e Dr. João Matias.

O Serviço de Oftalmologia da Unidade Local de Saúde da Região de Aveiro (ULSRA) tem como grandes vantagens a excelente articulação entre os seus diferentes profissionais e o acesso aos mais avançados meios de diagnóstico e tratamento. Com uma atividade assistencial cada vez alargada, a atual equipa, que se caracteriza como coesa, jovem e dinâmica, precisa de crescer para dar uma resposta ainda mais eficiente às necessidades e criar novas consultas de subespecialidade.

 Pedro Bastos Reis  Ricardo Almeida

Nascido em 1976, no mesmo ano em que o Hospital Infante D. Pedro (HIDP) se tornou instituição pública, o Serviço de Oftalmologia da atual ULSRA tem passado por várias transformações ao longo dos anos, muitas delas testemunhadas pelo Dr. Manuel Mariano. O atual diretor começou a trabalhar no HIDP em 2002, quando a equipa médica apenas era composta por quatro oftalmologistas. Em 2007, assumiu a direção do Serviço de Oftalmologia, que, nos anos seguintes, não só mudou para instalações maiores, como cresceu em termos de recursos humanos.

“Éramos apenas quatro oftalmologistas e dispúnhamos de quatro gabinetes, um deles para exames complementares de diagnóstico. Ou seja, não era possível todos os médicos realizarem consultas em simultâneo. Atualmente, temos sete gabinetes para consultas, três para exames, um para procedimentos com laser e um gabinete de triagem”, descreve Manuel Mariano. A equipa é composta por nove oftalmologistas, seis ortoptistas, duas auxiliares e duas técnicas administrativas.

O Serviço de Oftalmologia da ULSRA “assegura praticamente todas as valências da especialidade”, com destaque para áreas como a cirurgia implanto-refrativa, a córnea, a retina médica e cirúrgica, a oftalmologia pediátrica e estrabismo, a oculoplástica e o glaucoma. “De momento, só não damos resposta à neurooftalmologia e à inflamação ocular, mas temos o objetivo de implementar essas valências a breve prazo. Para tal, precisamos que mais oftalmologistas integrem a nossa equipa”, revela o diretor.

ARTICULAÇÃO “MUITO BOA” ENTRE OS PROFISSIONAIS

No HIDP, em Aveiro, o Serviço de Oftalmologia dispõe de três períodos semanais para cirurgia de ambulatorio no bloco central, onde se realizam, sobretudo, cirurgias de catarata, oculoplástica, glaucoma e vitrectomias. Já no Hospital Conde Sucena, em Águeda, que também integra a ULSRA, a Oftalmologia tem cinco períodos de cirurgia ambulatoria, sobretudo de catarata e injeções intravítreas. O internamento é partilhado com as especialidades de Otorrinolaringologia, Urologia e Estomatologia.

Tanto em Aveiro como em Águeda, a equipa de Enfermagem é comum às várias especialidades cirúrgicas. No entanto, “praticamente todos os enfermeiros têm formação em Oftalmologia e estão capacitados para trabalhar na área, proporcionando cuidados personalizados a cada doente”, salienta o Enf.º Jorge Figueira, responsável pela equipa de enfermagem cirúrgica do HIDP, que tem 17 elementos.

Além do apoio durante as intervenções cirúrgicas, entre as principais incumbências dos enfermeiros no âmbito da Oftalmologia, Jorge Figueira destaca os ensinamentos aos doentes, que são fundamentais, sobretudo para os idosos. Além disso, “antes das intervenções oftalmológicas, os enfermeiros realizam uma consulta telefónica para ficarem a par das comorbilidades e da medicação, orientando o doente em todo o processo cirúrgico desde a sua entrada no hospital, para o dotar de informação mais completa e diminuir a sua ansiedade, o que estimula o papel ativo do doente na sua recuperação”, explica o enfermeiro gestor. Acresce que, com alguma regularidade, o Serviço de Oftalmologia conta com um enfermeiro no apoio às consultas, nomeadamente de oftalmologia pediátrica ou quando é necessário realizar angiografias.

Mais registos fotográficos e em vídeo da reportagem
no Serviço de Oftalmologia da Unidade Local
de Saúde da Região de Aveiro



Para que a atividade diária decorra da melhor forma possível, Manuel Mariano considera que a chave é “a articulação muito boa entre médicos, ortoptistas e enfermeiros, que mantêm uma comunicação muito direta e eficaz entre todos”. A coordenadora da equipa de ortoptistas, Teresa Ferreira, concorda e realça “o bom ambiente” de trabalho. “Os nossos pontos fortes são a harmonia e o dinamismo da equipa, que é maioritariamente jovem, coesa e dispõe de todos os meios para trabalhar com segurança, confiança e autonomia”, reitera. Por exemplo, os técnicos de ortóptica asseguram uma consulta própria de refração e assumem um papel crucial nas consultas não presenciais.

No final de 2018, o Serviço de Oftalmologia da ULSRA foi pioneiro ao introduzir as consultas não presenciais de glaucoma, diabetes ocular e retina médica. “Os ortoptistas realizam todos os exames complementares de diagnóstico e terapêutica necessários, mediante o protocolo de cada consulta, e a sua avaliação é colocada numa plataforma, na qual os oftalmologistas consultam os dados necessários”, explica Teresa Ferreira. Ao que Manuel Mariano acrescenta: “Mediante a observação realizada, decidimos se o doente se mantém na consulta não presencial ou não, de acordo com o protocolado. Desta forma, conseguimos assegurar um acompanhamento adequado e atempado aos utentes com patologias crónicas.”

ças da retina. “Temos todos os fármacos à nossa disposição, mesmo os corticosteroides intravítreos ou os anti-VEGF mais recentes, como o faricimab e o aflibercept 8mg”, exemplifica o Dr. André Coutinho. Estes dois fármacos conferem as vantagens de “espaçar o intervalo entre injeções e diminuir o número de visitas dos doentes aos hospitais”.

Responsável pela vertente da retina cirúrgica, André Coutinho explica que a vitrectomia posterior se tornou mais prática e cómoda com a introdução de um microscópio de sistema 3D com OCT integrada. “Esta inovação traz benefícios ao nível da qualidade de imagem e, acima de tudo, da facilidade de adaptação, com uma curva de aprendizagem muito rápida”, destaca o oftalmologista.

Por outro lado, sempre que possível, o Serviço de Oftalmologia da ULSRA participa em projetos de investigação. Neste momento, está envolvido no ensaio clínico internacional e multicêntrico FOCUS, que procura aferir o impacto do semaglutido (um fármaco utilizado no tratamento da diabetes *mellitus* tipo 2) na retinopatia diabética. “A atividade assistencial é a nossa prioridade, contudo, também valorizamos muito as componentes científica e de formação. Somos frequentemente solicitados para participar em estudos e, sempre que possível, respondemos afirmativamente”, garante André Coutinho.

VAGAS ABERTAS PARA OFTALMOLOGISTAS

Uma vez que a componente assistencial ocupa grande parte do tempo da equipa, o Serviço de Oftalmologia da ULSRA tem vindo a diferenciar-se em diversas subespecialidades, como a córnea. “Em termos de tratamento, temos dado passos importantes, nomeadamente com a introdução de procedimentos como o *crosslinking* e os anéis intraestromais”, sublinha o Dr. Diogo Lopes, responsável pela consulta de córnea, que foi criada no início de 2024 e “veio permitir observar doentes que antes eram encaminhados para hospitais centrais”, nomeadamente para a ULS de Coimbra, principal centro de referência da região.

Continuar a crescer é, portanto, a maior necessidade deste Serviço de Oftalmologia. “Para evoluirmos e aumentarmos o leque de tratamentos disponíveis, nomeadamente com recurso a *laser*, precisamos de reforçar a equipa”, corrobora o Dr. Diogo Lopes, que também se dedica à oculoplástica, cuja consulta é coordenada pela Dr.^a Rita Massa.

No entanto, embora o Hospital Infante D. Pedro tenha vagas abertas para oftalmologistas, não tem sido fácil aumentar a equipa. “Os hospitais centrais têm maior capacidade de captação de recém-especialistas do que os hospitais distritais”, justifica Manuel Mariano, apelando aos colegas que se candidatem. “Daremos todo o apoio e os meios necessários para desenvolverem áreas de subespecialidade nas quais tenham interesse”, afiança o diretor. Outro objetivo importante para o crescimento é reconquistar a idoneidade formativa que este Serviço de Oftalmologia já teve entre 2010 e 2015. 👁



Mais cómodo para os cirurgiões, o microscópio com sistema 3D integrado permite realizar cirurgias com melhor visualização e mais qualidade de imagem, tendo ainda a vantagem de a curva de aprendizagem ser muito rápida.



O Serviço de Oftalmologia da Unidade Local de Saúde da Região de Aveiro está equipado com as mais recentes tecnologias de diagnóstico e terapêutica. A tomografia de coerência óptica de última geração (1), o autorrefratómetro e o queratómetro (2), o tonómetro computadorizado (3) e o retinógrafo (4) são apenas alguns exemplos dos equipamentos disponíveis.

ACESSO À INOVAÇÃO

Todos os doentes que chegam ao Serviço de Oftalmologia passam pelos ortoptistas. “Não temos lista de espera para meios complementares de diagnóstico e terapêutica. Realizamos todos os exames no próprio dia em que o doente vem à consulta, para evitar deslocções desnecessárias”, indica Teresa Ferreira. A coordenadora da equipa de ortoptistas elogia ainda o acesso a “equipamentos topo de gama”, como a tomografia de coerência óptica (OCT), a angio-OCT, o Pentacam®, a microscopia especular, o retinógrafo não midriático, os campímetros, o biómetro óptico, a biomicroscopia ultrassónica, entre outros.

Neste momento, a principal necessidade, segundo Teresa Ferreira, é aumentar a equipa. “Neste mês de outubro, vamos iniciar o rastreio da retinopatia diabética nos hospitais de Aveiro e Águeda. Se tudo correr bem, também o realizaremos no Hospital Visconde de Salreu, em Estarreja. Mais ortoptistas permitiriam incrementar a nossa atuação e poderíamos, por exemplo, realizar rastreios pediátricos, que, atualmente, são assegurados por enfermeiros nos centros de saúde, e de glaucoma. Vontade não falta, mas precisamos de mais recursos humanos”, apela.

Além da qualidade dos meios complementares de diagnóstico e terapêutica, o Serviço de Oftalmologia da ULSRA disponibiliza os tratamentos mais recentes e inovadores, nomeadamente para as doen-

NÚMEROS DE 2024

27 787 consultas, das quais:

10 758 primeiras consultas

17 029 consultas subsequentes

53 014 exames complementares de diagnóstico e terapêutica

4446 cirurgias, das quais:

4444 em ambulatório

2 convencionais



"QUARTAS DA SPO" EM 2025

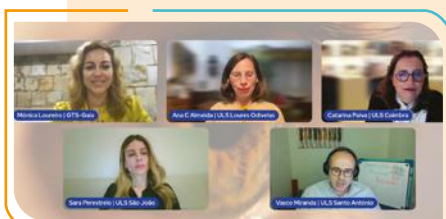
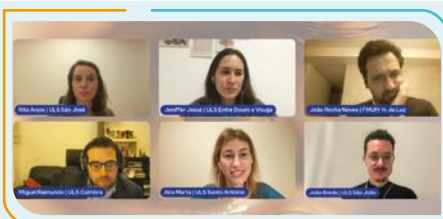
Entre janeiro e setembro, a Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO) realizou sete *webinars*, estando ainda marcados mais dois até final do ano. Cada sessão é organizada por um grupo de subespecialidade, sendo que a pertinência e a atualidade dos temas são transversais a todas. A elevada assistência, seja em direto ou em diferido na biblioteca digital da SPO, comprova o interesse da comunidade oftalmológica por estes *webinars*.



No dia 29 de janeiro, o Grupo Português de Superfície Ocular, Córnea e Contactologia organizou um *webinar* sobre "cirurgia de catarata em doentes com patologia corneana". A sessão, que foi moderada pela Prof.^a Andreia Rosa e pelo Dr. Miguel

Mesquita Neves (coordenador do grupo organizador), contou com seis palestrantes: Dr. Nuno Alves, Dr. Luís Oliveira, Dr. Miguel Raimundo, Dr.^a Ana Maria Cunha, Dr. Paulo Guerra e Dr.^a Sandra Barros.

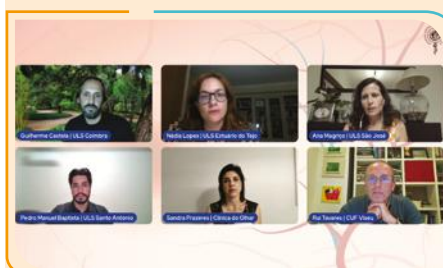
"Inteligência artificial: da ciência à prática clínica" foi o tema da sessão promovida, a 5 de março, pela SPO Jovem, com coordenação da Dr.^a Ana Marta, que também esteve na moderação com a Dr.^a Jeniffer Jesus. A Dr.^a Rita Anjos, o Dr. João Rocha Neves, o Dr. Miguel Raimundo e o Prof. João Barbosa Breda foram os oradores.



O Grupo Português de Ergo oftalmologia e Baixa Visão realizou, a 9 de abril, um *webinar* centrado nos avanços tecnológicos na inclusão visual. A moderação e a coordenação ficaram sob

responsabilidade do Dr. Vasco Miranda, ao passo que as apresentações foram das Dr.^{as} Mónica Loureiro, Ana Almeida, Catarina Paiva e Sara Perestrelo.

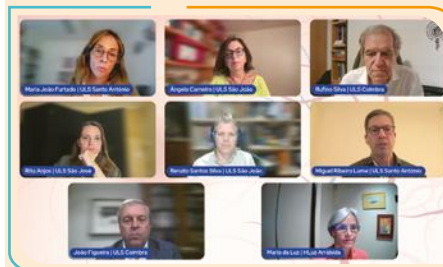
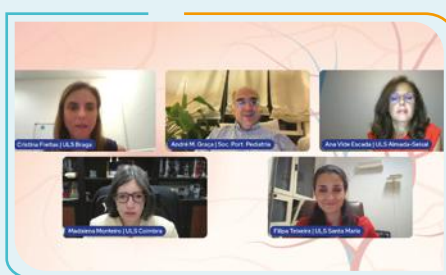
Sob o mote "Os inimigos do quiasma", decorreu, a 28 de maio, o *webinar* organizado pelo Grupo Português de Neuro oftalmologia. A Dr.^a Dália Meira, coordenadora da sessão, foi moderadora juntamente com a Dr.^a Patrícia Polónia e o Dr. Gustavo Rocha. As apresentações, que se centraram em casos clínicos, ficaram a cargo do Prof. João Paulo Cunha, do Dr. Celso Costa, da Dr.^a Carolina Bruxelas e do Dr. Filipe Simões da Silva.



"Ptose palpebral: como abordar e tratar. Apresentação de diferentes técnicas cirúrgicas" foi o tema do *webinar* promovido, a 25 de junho, pelo Grupo Português de Órbita e Oculoplástica. Mode-

rada pela Dr.^a Ana Magriço e pela Dr.^a Nádia Lopes, a sessão teve como intervenientes o Prof. Guilherme Castela, o Dr. Pedro Baptista, a Dr.^a Sandra Prazeres e o Dr. Rui Tavares.

O Grupo Português de Oftalmologia Pediátrica e Estrabismo organizou, a 16 de julho, um *webinar* que teve como convidado especial o Prof. André Mendes da Graça, presidente da Sociedade Portuguesa de Pediatria, que moderou a sessão com a Dr.^a Ana Vide Escada, coordenadora do grupo organizador. "Oftalmologia trocada por miúdos... para pediatras" foi o tema escolhido, tendo as palestras ficado a cargo da Dr.^a Cristina Freitas, da Dr.^a Madalena Monteiro e da Dr.^a Filipa Teixeira.



"Miopia: para além do erro refrativo" foi a temática abordada no *webinar* organizado pelo Grupo Português de Retina e Vítreo no dia 24 de setembro. Coordenada pelo Dr. Miguel Lume, a sessão contou

com as intervenções da Dr.^a Maria João Furtado, da Dr.^a Rita Anjos, do Dr. Renato Santos Silva, do Prof. João Figueira e da Dr.^a Maria da Luz Freitas. Na moderação, além do Dr. Miguel Lume, estiveram o Prof. Rufino Silva e a Prof.^a Ângela Carneiro.

Acesso a todos os *webinars*
"Quartas da SPO"



PRÓXIMOS WEBINARS

29 de outubro

Tema: "Management of primary angle closure – role of iridotomy and phacoemulsification"

Organização: Grupo Português de Glaucoma

Coordenação: Dr. Fernando Trancoso Vaz

Oradores: Prof. Benjamin Xu, Prof. Niklas Telinius, Prof. João Barbosa Breda, Dr. Pedro Faria, Dr.^a Manuela Carvalho e Dr.^a Rita Falcão Reis.

19 de novembro

Tema: "Treatment strategies for Leber hereditary optic neuropathy: recent update"

Organização: Grupo Português de Patologia Oncológica e Genética Ocular

Coordenação: Dr. Sérgio Estrela Silva

Oradores: Prof. Patrick Yu-Wai-Man, Dr.^a Alice Porto, Dr.^a Carolina Madeira e Dr.^a Rita Rodrigues.



Aquoral[®] Forte



GOTAS LUBRIFICANTES OCULARES DE ÚLTIMA GERAÇÃO

OLHO SECO MISTO OU HIPOSECRETOR **GRAU MODERADO / GRAVE¹**



0,2%
Galacto-
xiloglucano

+

0,4%
Ácido
Hialurónico



Frasco Multidose 10ml



30 Monodoses 0,5ml

SEM CONSERVANTES
NEM FOSFATOS

**FORMULAÇÃO OFTÁLMICA COM EFICÁCIA
CLINICAMENTE COMPROVADA³**

INDICAÇÕES **Cirurgia ocular • Lesão da superfície ocular • Glaucoma • Diabetes Mellitus**

PERMANÊNCIA E REPARAÇÃO DA SUPERFÍCIE OCULAR^{1,2}

ESTEVE

1) Instruções de utilização Aquoral® Forte. 2) United States Patent. Ophthalmic compositions based on tamarind seed polysaccharide and hyaluronic acid. Del Prete et al. Jun 4, 2013. Patent nº US8,455,462 B2. Aquoral® Forte é um dispositivo médico. Recomendamos a leitura das instruções de utilização e da rotulagem antes da sua utilização.

Distribuído por: Esteve Pharmaceuticals – Laboratório Farmacêutico, Limitada. Avenida Infante Dom Henrique, 26, 1149-096 Lisboa, Portugal. NIF: 516550071. | info.portugal@esteva.com | EST-PT-20250228-290(C) ESTEVE 2025



URGÊNCIAS EM OFTALMOLOGIA



DR

A 2.ª edição do Curso de Urgências em Oftalmologia, fruto de uma iniciativa conjunta da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO), da SPO Jovem e da Brill, decorrerá no próximo dia 8 de novembro, no Hotel MH Peniche. De acordo com o **Prof. André Ferreira**, oftalmologista na Unidade Local de Saúde (ULS) de Santo António, no Porto, e um dos promotores do curso, o objetivo é “examinar patologias e situações clínicas que aparecem frequentemente em contexto de urgência”, num evento

direcionado, sobretudo, a internos e jovens especialistas.

A importância desta formação prende-se com o facto de a urgência estar presente em várias situações da atividade clínica dos oftalmologistas. “Contactamos diariamente com estas situações, não só nas 12 horas semanais em que estamos no Serviço de Urgência, mas também na consulta, no bloco operatório e, por vezes, até no internamento”, realça André Ferreira. “A nossa atuação, no imediato e a curto prazo, pode ditar o prognóstico visual do doente”, reitera o especialista, acrescentando que é fundamental ter também em conta “o prognóstico sistémico”.

O curso estará dividido em sete áreas essenciais no Serviço de Urgência: a córnea e o segmento anterior; a órbita e a oculoplástica; a retina cirúrgica e o trauma no segmento posterior; a imunoinflamação; a neurooftalmologia; o glaucoma; e a oftalmologia pediátrica.

As palestras serão asseguradas por oftalmologistas experientes. “Convidámos oradores diferenciados em cada subespecialidade, que farão uma exposição sobre as principais patologias de cada área”, antecipa André Ferreira. E acrescenta: “Cada doença tem as suas especificidades. Pretendemos que os formandos tenham em mente os sinais e sintomas aos quais têm de estar atentos em cada situação.”

Além da componente teórica, o programa abará ainda a apresentação de casos clínicos trazidos pelos formandos. “Queremos tornar o evento mais interativo, fomentando a partilha de conhecimentos entre o público presente”, justifica o oftalmologista.

Descrevendo os serviços de urgência em Oftalmologia portugueses como “bastante completos”, André Ferreira espera que o curso “espelhe a realidade” nacional, permitindo, ao mesmo tempo, que os participantes retenham “pormenores” das atuações dos diferentes serviços. “No final, espero que todos possamos aprender um pouco mais uns com os outros.”

Pedro Manuel Lopes



FORMAÇÃO IMERSIVA EM FACOEMULSIFICAÇÃO



“**E**yemersion 2025 – Phaco from A to Z: Where you learn everything” é o título do curso de facoemulsificação que se realizará nos dias 28 e 29 de novembro, no Hotel Vila Galé Coimbra. Como o título sugere, esta formação organizada pela SPO Jovem com o apoio da Bausch+Lomb é imersiva e com-

pleta, cobrindo desde os aspetos mais básicos até aos mais complexos da cirurgia de catarata.

“O objetivo é complementar a formação dos internos na cirurgia de catarata, em particular na facoemulsificação. Na vertente mais básica, queremos que os formandos saibam como se devem posicionar no microscópio, como fazer o cálculo das lentes intraoculares e como avaliar *outputs* de biometria e parâmetros de facoemulsificação. Já na vertente mais avançada, o foco estará na resolução de complicações e na abordagem de casos mais complexos”, resume o **Dr. Ricardo Machado Soares**, oftalmologista na Unidade Local de Saúde (ULS) de Gaia-Espinho e um dos promotores do curso.

Apesar de a cirurgia de catarata ser um dos procedimentos oftalmológicos mais realizados, a coordenadora da SPO Jovem, **Dr.ª Ana Marta**,

considera que “existe uma pequena falha formativa na área da facoemulsificação”, que o *Eyemersion* pretende colmatar. “Num curso mais intensivo, conseguimos compilar as principais temáticas relacionadas com a técnica cirúrgica, proporcionando uma formação fiável, com todos os princípios teóricos essenciais e dicas práticas. Este curso é muito completo e integra toda a curva de aprendizagem da cirurgia de catarata convencional”, realça a oftalmologista na ULS de Santo António.

Ricardo Machado Soares avança que a formação teórica ocupará cerca de um dia e meio do programa, estando organizada num modelo centrado em “arenas” de níveis básico, intermédio e avançado. Nesta vertente, vários especialistas com experiência na área abordarão temas como a biometria, tipos de lentes intraoculares, o passo a passo na cirurgia de facoemulsificação, as pérolas cirúrgicas e as complicações. Já na parte prática, reservada para a tarde do último dia, os participantes vão treinar técnicas cirúrgicas num simulador virtual e em olhos biónicos.

No final da componente teórica, os formandos responderão a um questionário para avaliar os conhecimentos adquiridos, ao passo que, na vertente prática, será atribuído um *score* a cada participante. Os formandos que obtiverem a maior classificação em cada vertente receberá um *kit* cirúrgico de facoemulsificação. Com uma expectativa elevada para esta primeira edição, Ana Marta revela o objetivo de continuar a organizar o *Eyemersion* anualmente, incidindo sempre nas áreas oftalmológicas com mais défice de formação em Portugal.”

Pedro Bastos Reis



APROXIMA-SE O MAIOR ENCONTRO DA OFTALMOLOGIA NACIONAL

O 68.º Congresso Português de Oftalmologia decorrerá entre 4 e 6 de dezembro, no Centro de Congressos do Algarve, em Vilamoura. A Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO) mantém a aposta num programa científico representativo das várias subespecialidades, contando com a colaboração de todas as suas secções. Adicionando convidados internacionais e uma diversificada oferta formativa, este congresso será mais uma oportunidade de formação, atualização e contacto com a elevada qualidade científica da Oftalmologia nacional.

 **Pedro Bastos Reis**  **Rui Santos Jorge**

“Queremos que o nosso congresso seja o culminar de um ano de intensa atividade oftalmológica, divulgando o que de melhor se faz em todas as áreas da especialidade.” Quem o afirma é o Dr. Vítor Maduro, secretário-geral da SPO, revelando que, à semelhança do modelo seguido em 2024, todas as subespecialidades estarão representadas no programa científico. “Gostámos imenso do formato adotado pela direção anterior e decidimos voltar a envolver as várias secções da SPO na organização das sessões do congresso, proporcionando tempo e espaço para todas partilharem ciência”, justifica o oftalmologista na Unidade Local de Saúde de São José, em Lisboa.

Este ano, a direção da SPO quis dinamizar ainda mais a representatividade das várias áreas da Oftalmologia, pelo que desafiou os coordenadores das diversas secções a trabalharem em conjunto, nomeadamente com a organização de sessões que envolvam duas ou mais subespecialidades. Um momento alto dessa sinergia ocorrerá na sexta-feira, 5 de dezembro, com o simpósio intitulado “Quando a retina se encontra com...”. “Será uma sessão transversal, com a representação das áreas da retina, do glaucoma, da cirurgia implanto-refrativa, da neurooftalmologia e da oftalmologia pediátrica”, avança o secretário-geral da SPO.

Outro momento alto do congresso será a sessão conjunta da SPO com o Colégio da Especialidade de Oftalmologia da Ordem dos Médicos, que se realizará na quinta-feira, 4 de dezembro. “Abordaremos as novidades do internato, em particular as relativas à subespecialidade de oftalmologia pediátrica”, sublinha Vítor Maduro. No dia seguinte, decorrerá uma mesa-redonda promovida pela direção da SPO sobre bases de dados multicêntricas em Oftalmologia. “Esta sessão surge no seguimento das bases de dados de queratocone e endoftalmites criadas recentemente. Vamos apresentar o ponto de situação e perceber que caminhos devemos seguir no futuro.”

Na manhã de sábado, 6 de dezembro, decorrerá o simpósio conjunto do Grupo Português de Oftalmologia Pediátrica e Estrabismo (GPOPE) com a SPO e o Latin American Council of Strabismus (CLADE). Também haverá um simpósio vocacionado para a temática da comunicação numa perspetiva ética e médico-legal. Na parte da tarde, realizar-se-á o Curso de Comunicação em Oftalmologia” (ver caixa), uma das novidades do congresso de 2025.




MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O CONGRESSO



Neste congresso, o GPOPE organiza ainda um simpósio sobre craniossinostose, que conta com intervenções de uma neurocirurgiã e um cirurgião maxilofacial, dada a abordagem translacional da patologia.

Segundo Vítor Maduro, além de palestrantes nacionais de excelência, o 68.º Congresso Português de Oftalmologia contará com convidados estrangeiros nas diversas sessões. Da participação internacional, salienta-se uma comitiva da European Society of Cornea and Ocular Surface Diseases Specialists (EuCornea), que participará no simpósio promovido pelo Grupo Português de Superfície Ocular, Córnea e Contactologia. Refira-se, a propósito desta boa relação, que o 17.º Congresso da EuCornea decorrerá no Porto, em maio de 2026 (ver página 4). “Contaremos também com a presença de convidados do Conselho Brasileiro e da Sociedade Brasileira de Oftalmologia, que intervirão nos nossos simpósios, potenciando o diálogo entre sociedades”, revela o secretário-geral da SPO.

Ao nível mais formativo, realizar-se-ão 11 cursos ao longo dos três dias de congresso, combinando temas habituais com novidades. “Teremos, por exemplo, um curso sobre doenças coriorretinianas na gravidez e outro sobre as novas *guidelines* na área do glaucoma. Haverá também cursos de cirurgia implanto-refrativa, córnea, oftalmologia pediátrica e retina cirúrgica”, exemplifica Vítor Maduro.

Relativamente à apresentação de trabalhos, os pósteres estarão expostos em formato digital e as comunicações orais serão disponibilizadas em vídeo, com as melhores a serem selecionadas para apresentação numa sessão do congresso. No final, serão entregues 19 prémios, seis dos quais de entidades afiliadas da SPO. 

Presença digital da Oftalmologia

Na tarde de 6 de dezembro, último dia de congresso, realizar-se-á o curso intitulado “Presença digital na prática: como usar as redes sociais de forma estratégica e ética em Medicina”. Sob a organização da Dr.ª Cátia Azenha, responsável pela comunicação digital da SPO, e da Dr.ª Ana Marta, coordenadora da SPO Jovem, a necessidade desta formação surge da “crescente utilização de redes sociais e plataformas digitais pelos oftalmologistas”. “Pretendemos perceber os limites éticos da utilização dessas ferramentas e apresentar as melhores estratégias para comunicarmos eficazmente não só entre colegas, mas também com os doentes, e crescermos de forma correta e sustentada nessas plataformas, fomentando a literacia em saúde”, explica Vítor Maduro.

Direção da SPO com a maioria dos coordenadores das suas secções fotografados em dezembro de 2024, durante o 67.º Congresso Português de Oftalmologia, em Vilamoura. Todos desejam boas-vindas ao congresso de 2025, que se realizará no mesmo local!





Desde o passado mês de abril até à data de fecho desta edição da *Visão SPO*, foram lançados 12 episódios do OftalmoGPS (incluindo o zero), um projeto de *videocasts* da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO). Com as visualizações em crescendo, sobretudo no Youtube, o Dr. Vítor Maduro, secretário-geral da SPO e mentor do projeto, traça um balanço “muito positivo”. “Temos dado voz e presença a temas que consideramos importantes para os oftalmologistas em geral, permitindo a quem assiste aprender sempre algo”, sublinha. Até final deste ano, serão lançados mais cinco episódios e “existe muita vontade” de continuar com o OftalmoGPS em 2026. Fique com um breve resumo dos episódios lançados até agora, bem como as datas e os temas dos *videocasts* que se realizarão até ao final de 2025.

Pedro Bastos Reis

EPISÓDIO 1



“Distrofia de Fuchs e catarata: como atuar?”, publicado a 10 de abril.

No episódio 0, que foi lançado no dia 3 de abril, o Prof. Pedro Menéres e o Dr. Vítor Maduro, respetivamente presidente e secretário-geral da SPO, apresentaram os objetivos do OftalmoGPS. Já no 1.º episódio, que teve como entrevistadores o Dr. Vítor Maduro e o Dr. Miguel Mesquita Neves, o Dr. Luís Oliveira partilhou dicas para melhorar os resultados das cirurgias da distrofia de Fuchs e da catarata, nomeadamente com recurso a técnicas como a queratoplastia endotelial da membrana de Descemet e a queratoplastia endotelial automatizada com remoção da membrana de Descemet.

No 2.º episódio, o Dr. Mário Ornelas e o Dr. Fernando Trancoso Vaz conversaram com o Dr. Rafael Barão acerca dos desafios do tratamento do glaucoma. Os especialistas debateram estratégias para otimização da terapêutica, nomeadamente na prescrição de colírios e no controlo dos efeitos adversos. O impacto do stress no aumento da pressão intraocular e a eficácia da comunicação com os doentes também foram temas abordados.

EPISÓDIO 2



“Abordagem terapêutica no glaucoma: dos fármacos à cirurgia”, publicado a 24 de abril.

A Dr.ª Cláudia Costa Ferreira e a Dr.ª Ana Magriço conduziram a conversa com a Dr.ª Sandra Prazeres no 3.º episódio, que se centrou na cirurgia palpebral, nomeadamente na blefaroplastia. Os candidatos ideais para este procedimento, as indicações e a avaliação pré-operatório estiveram em análise, bem como o papel das técnicas minimamente invasivas na blefaroplastia superior.

EPISÓDIO 3



“Blefaroplastia: quem, quando e como?”, publicado a 8 de maio.

No 4.º episódio, o Dr. Augusto Magalhães foi recebido pela Dr.ª Cláudia Costa Ferreira e pela Dr.ª Ana Vide Escada para um debate sobre as especificidades da paresia do IV par craniano. Ao longo deste *videocast*, foram discutidas novas estratégias para distinguir uma paresia congénita de uma adquirida, informações essenciais sobre os exames complementares de diagnóstico a pedir e as indicações para cirurgia.

EPISÓDIO 4



“ABC das paresias do IV par”, publicado a 22 de maio.

No 5.º episódio, com a moderação do Dr. Mário Ornelas e do Dr. Miguel Lume, a Prof.ª Rita Flores falou sobre os métodos de diagnóstico mais avançados, o seguimento adequado e as estratégias de controlo da degenerescência macular da idade (DMI). Foram também apresentados os resultados de ensaios clínicos sobre a inibição do complemento no tratamento da atrofia geográfica secundária e da DMI.

EPISÓDIO 5



“DMI intermédia”, publicado a 5 de junho.

Quais são os principais sintomas de conjuntivite? Quais são os melhores tratamentos disponíveis? Estas foram algumas das questões respondidas no 6.º episódio, pela Dr.ª Inês Almeida, sob a moderação do Dr. Vítor Maduro e o Dr. Miguel Mesquita Neves. Ao longo da conversa, foram apontadas as diferenças entre as conjuntivites virais, bacterianas e alérgicas, bem como as melhores estratégias para alívio dos sintomas.

EPISÓDIO 6



“Conjuntivites: como reconhecer e tratar”, publicado a 19 de junho.

No 7.º episódio, o Dr. Mário Ornelas e o Dr. Fernando Trancoso Vaz discutiram, com o Dr. Ricardo Bastos, as diversas técnicas de cirurgia do glaucoma, desde as mais convencionais até às técnicas minimamente invasivas (MIGS, na sigla em inglês). Foi um episódio com muitas dicas práticas para melhorar a abordagem cirúrgica dos doentes com glaucoma.

EPISÓDIO 7



“Cirurgia de glaucoma: técnicas convencionais, MIGS e combinada”, publicado a 3 de julho.

As especificidades e os desafios do tratamento imunossupressor da uveíte associada à artrite idiopática juvenil – uma causa silenciosa e potencialmente irreversível de perda visual em

idade pediátrica – estiveram em análise no 8.º episódio, conduzido pela Dr.ª Cláudia Costa Ferreira e pela Dr.ª Marta Guedes, com intervenção do Dr. Vasco Miranda. A eficácia do tratamento, os efeitos a longo prazo e o impacto na qualidade de vida foram alguns dos tópicos mais abordados nesta conversa.

EPISÓDIO 8



“Desafios da imunossupressão na uveíte anterior crónica em idade pediátrica: como atuar?”, publicado a 17 de julho.



Moderado pelo Dr. Mário Ornelas e pelo Dr. Miguel Lume, com participação do Dr. Nuno Correia, o 9.º episódio incidirá sobre os principais riscos e cuidados a considerar no pré-operatório, para evitar uma complicação muito temida pelos oftalmologistas: a hemorragia supracoroideia. Os passos para um diagnóstico correto e os cuidados a ter no *follow-up* dos doentes foram também discutidos neste videocast.

Ao 10.º episódio, o OftalmoGPS recebeu o primeiro convidado estrangeiro, o Prof. Mayank Nanavaty, que se juntou à Prof.ª Filomena Ribeiro, numa conversa conduzida pelo Dr. Vítor

Maduro e pelo Dr. Mário Raimundo. O foco das reflexões foi o panorama presente e futuro das lentes intraoculares (IOL, na sigla em inglês) e os desafios na cirurgia de catarata. As novas classificações funcionais também estiveram em análise, num episódio muito centrado nas necessidades da prática clínica.

EPISÓDIO 11



O 11.º episódio também contou com um convidado estrangeiro: o Dr. Ken Nischal, que, sob a moderação da Dr.ª Cláudia Costa Ferreira e da Dr.ª Ana Vide Escada, discorreu acerca do diagnóstico precoce e do planeamento cirúrgico da catarata em idade pediátrica. O especialista partilhou várias dicas práticas, não só para otimização da cirurgia, mas também para apoio aos familiares dos doentes durante a jornada terapêutica.

No 12.º episódio, o Prof. Tiago Monteiro abordou situações críticas na cirurgia de catarata, partilhando estratégias para minimizar riscos e garantir a segurança do doente. Na

sessão, moderada pelo Dr. Vítor Maduro e pelo Dr. Miguel Raimundo, foi enfatizada a importância da comunicação eficaz com o doente, de forma a criar um vínculo de confiança que vá ao encontro dos resultados pretendidos.

EPISÓDIO 10



EPISÓDIO 12



PRÓXIMOS EPISÓDIOS



- 23 de outubro – "Endoftalmite exógenas".
- 6 de novembro – "Importância dos testes genéticos nas distrofias retinianas".
- 20 de novembro – "Queratocone no adolescente".
- 4 de dezembro – "O papel da angiografia na consulta de retina médica".

Aceda aos episódios do OftalmoGPS no respetivo canal de Youtube

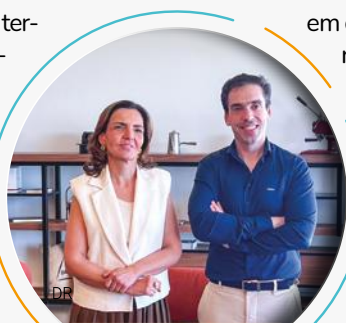


NOVA EDIÇÃO DO PROGRAMA DE LIDERANÇA EXECUTIVA PARA OFTALMOLOGISTAS

Epois de uma primeira edição "de sucesso", que terminou no passado mês de junho, vai realizar-se nova edição do Programa de Liderança Executiva para Oftalmologistas, uma iniciativa da NOVA School of Business and Economics (SBE) da Universidade Nova de Lisboa, em parceria com a Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO) e a ZEISS. "Os primeiros participantes consideraram o projeto muito interessante e com múltiplas vantagens. Portanto, faz todo o sentido dar-lhe continuidade", explica o Dr. Vítor Maduro, secretário-geral da SPO.


A segunda edição do curso começará no dia 23 de janeiro de 2026, prolongando-se até 20 de junho, num total de 12 dias de formação presencial (em cada mês, uma sexta-feira, das 14h00 às 17h00, e um sábado, das 10h00 às 17h00). "Este curso tem muita utilidade para os oftalmologistas, porque os capacita para as necessidades de gestão em Saúde", destaca a Prof.ª Filipa Breia da Fonseca, diretora académica da formação, corroborando que a primeira edição "foi um sucesso e superou todas as expectativas".

Tendo em conta a avaliação positiva dos 29 formandos, o plano de estudos da próxima edição será muito semelhante, assentando



Prof.ª Filipa Breia da Fonseca e Dr. Vítor Maduro.

em cinco pilares: estratégia e inovação em Saúde; gestão operacional e financeira; transformação digital e *marketing* em Saúde; liderança e gestão de equipas; e, no final, apresentação de um *capstone project* pelos alunos. Este momento do curso terá particular importância pela resposta a desafios estratégicos. "Teremos um dia alargado, com júri, para a discussão de ideias e para os formandos receberem um *feedback* mais detalhado", avança a professora adjunta na NOVA SBE e doutorada em Gestão.

Com este programa intensivo, é expectável que os oftalmologistas fiquem dotados "com ferramentas de gestão que possam aplicar no seu dia a dia", constituindo também uma oportunidade para "fomentar o *networking* entre alunos e professores", sublinha Vítor Maduro. "A NOVA SBE tem provas dadas e uma experiência alargada ao nível internacional em gestão e liderança, contando com os melhores professores nestas áreas. Esperamos, por isso, transmitir competências para capacitar os clínicos nos processos de decisão", conclui Filipa Breia da Fonseca, informando que as inscrições já estão abertas. O curso destina-se, sobretudo, a oftalmologistas com mais de cinco anos de experiência profissional.  **Pedro Bastos Reis**



Inscrições e mais informação sobre o programa intensivo "Liderança Executiva para Oftalmologistas"



NOVAS ABORDAGENS NO GLAUCOMA E NA OCULOPLÁSTICA



Alguns dos organizadores e intervenientes na XXXIV Reunião de Oftalmologia da ULS de São José (da esq. para a dta.): À frente – Dr. Marco Sales, Dr.ª Ana Magriço, Prof. Pedro Menêres, Prof.ª Rita Flores, Dr.ª Joana Cardigos, Dr. Vítor Maduro, Dr.ª Catarina Mota, Dr.ª Bruna Cunha e Dr. Lívio Costa. Atrás – Prof. João Paulo Cunha, Dr.ª Ana Duarte, Dr. Pedro Gil, Dr. Joaquim Silva, Dr. António Sampaio, Dr.ª Mariana Cardoso, Dr. João Feijão e Dr. Nuno Alves.

Foram estas as duas subespecialidades em destaque na XXXIV Reunião de Oftalmologia da Unidade Local de Saúde (ULS) de São José, que se realizou nos passados dias 17 e 18 de outubro, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa. A ligação do glaucoma com áreas de fronteira, a polémica em torno da cirurgia intervencional, a abordagem da orbitopatia tiroideia e o tratamento do ectrópio e do entrópio foram os temas centrais de um evento que acolheu ainda um curso EUPO dedicado à neuroftalmologia.

Diana Vicente Nuno Branco

A reunião começou na manhã de sexta-feira, 17 de outubro, com o Curso EUPO (European University Professors of Ophthalmology). Conforme resume a Prof.ª Rita Flores, diretora do Serviço de Oftalmologia da ULS de São José, em Lisboa, esta formação centrou-se, fundamentalmente, em “casos de emergências neuroftalmológicas e em influências medicamentosas” nesta área. No período da tarde, após a cerimónia de abertura, iniciou-se o programa científico, que se destacou “pelo seu carácter prático e pela partilha e discussão de casos clínicos”.

A primeira sessão foi dedicada à oculoplastica, através de uma perspectiva multidisciplinar na orbitopatia tiroideia, indo ao encontro das especificidades da consulta desta área realizada na ULS de São José. “Demos a conhecer as experiências e os conhecimentos das especialidades que trabalham connosco e proporcionam um tratamento eficaz destas patologias, refletindo sobre os desafios associados”, afirma a Dr.ª Ana Magriço, oftalmologista na ULS de São José e uma das moderadoras desta mesa-redonda, que contou com especialistas de Oftalmologia, Endocrinologia e Medicina Interna.

De acordo com Ana Magriço, “a Oftalmologia tem um papel fundamental no diagnóstico da orbitopatia tiroideia e no encaminhamento para as várias especialidades associadas à otimização terapêutica”. “A articulação multidisciplinar é essencial no manuseamento de imunossuppressores, que fazem parte das terapêuticas de primeira e segunda linhas”, exemplifica. “Por vezes, a orbitopatia tiroideia é esquecida, e nem todos estão alerta para a sua existência e para o tratamento nas suas várias vertentes.”

Seguiu-se a sessão sobre glaucoma, centrada em “casos de fronteira” com as subespecialidades de neuroftalmologia, cirurgia refrativa e retina cirúrgica. Este último tema, na perspetiva do glaucoma, foi analisado pela Dr.ª Joana Cardigos. “Há doentes que têm de ser intervencionados pelas duas subespecialidades, porque têm uma patologia transversal a ambas, como é o caso da retinopatia diabética proliferativa”, elucida a oftalmologista na ULS de São José. “Nesta situação, pode ser necessário controlar as manifestações das fases avançadas e, posteriormente, realizar uma cirurgia de glaucoma”, refere a preletora. Por outro lado, “os dois ramos também se interligam quando há complicações como um descolamento hemorrágico ou uma endoftalmite”, sendo que “os sintomas e os tratamentos podem ser simultâneos ou sequenciais”.

Ainda no âmbito do glaucoma, decorreu, logo a seguir, a *keynote lecture* do Dr. Gok Ratnarajan, oftalmologista no Queen Victoria NHS Foundation Trust, no Reino Unido, sobre a cirurgia intervencional. “Pode ser um tema ainda polémico, porque envolve novas abordagens cirúrgicas, nem sempre com consenso sobre a eficácia a longo prazo, indicação ideal ou custo-benefício em comparação aos tratamentos tradicionais”, sintetiza Joana Cardigos.

ENTRÓPIO E ECTRÓPIO

A segunda *keynote lecture* da reunião foi proferida pelo Dr. Marco Sales, presidente da Sociedade Espanhola de Cirurgia Oculoplástica, que discorreu acerca do entrópio e do ectrópio. “São situações muito comuns, daí a importância de as discutirmos numa reunião com especialistas de outras áreas e com internos de Oftalmologia”, justifica a Dr.ª Ana Duarte, oftalmologista na ULS de São José e uma das moderadoras desta conferência. Segundo a especialista, o entrópio e o ectrópio “implicam um diagnóstico abrangente, que inclui casos complexos e de difícil resolução, exigindo experiência e abordagens personalizadas”. Por essa razão, recorda a especialista, “o orador trouxe uma visão prática e didática, falando desde as situações mais simples às mais complexas”.

“Atualmente, o tratamento do entrópio e do ectrópio é, maioritariamente, cirúrgico, com técnicas adaptadas à causa do problema. Ainda assim, a abordagem, tal como a recuperação, depende da origem e da gravidade do caso”, sintetiza Ana Duarte. E conclui: “De forma geral, a correção destas patologias tem um impacto muito significativo na função e no conforto ocular, devolvendo qualidade de vida ao doente.”

O primeiro dia terminou, como já é tradição, com um “tema não oftalmológico”, tendo desta vez sido escolhida “a literacia financeira no mundo atual”. A escolha, explica Rita Flores, deveu-se ao “elevado interesse” demonstrado no tema, bem como à sua “potencial utilidade prática”. A apresentação foi feita pela Dr.ª Bárbara Barroso, fundadora e CEO do MoneyLab, um projeto de educação e literacia financeira dirigido a toda a população.

O segundo dia de reunião, 18 de outubro, ficou marcado pela apresentação dos melhores pósteres submetidos e pelas duas sessões de vídeos: uma centrada no glaucoma, outra na oculoplastica. “Privilegiámos a discussão sobre as diferentes técnicas e metodologias, nomeadamente através da inclusão de vídeos cirúrgicos, mostrando o antes e o depois, com vista à partilha de dicas e informações importantes para otimizar procedimentos e resultados”, resume Rita Flores.

Mais fotografias da XXXIV Reunião de Oftalmologia da ULS de São José



Coopervision é líder em soluções de **controlo da miopia**
Disponível em lentes de contacto e em lentes oftálmicas

É hora de agir contra a miopia!



MiSight[®] 1 day

Lentes de contacto descartáveis diárias

MiSight[®]
Spectacle Lenses

Powered by
**Diffusion
Optics
Technology[™]**

Lentes para óculos



Controlo da Miopia



RETINA, VÍTREO E GENÉTICA OCULAR EM REUNIÃO CONJUNTA

Pela primeira vez, o Grupo Português de Retina e Vítreo (GPRV) organiza uma reunião conjunta com o Grupo Português de Patologia Oncológica e Genética Ocular (GPPOGO), que decorre no Centro de Congressos do Vidago Palace Hotel, nos dias 24 e 25 de outubro. O evento também integra a Retina Ibérica – IV Reunião GPRV/SERV (Sociedade Espanhola de Retina e Vítreo) e conta com a já habitual participação do Grupo de Estudos da Retina (GER).

Raquel Oliveira

“A patologia oncológica pode envolver o segmento posterior e também há muitas patologias da retina com uma componente genética, pelo que considerámos muito pertinente organizar esta reunião conjunta”, começa por explicar o Dr. Miguel Lume, coordenador do GPRV. Da parte do GPPOGO, segundo refere o seu coordenador, Dr. Sérgio Estrela Silva, a genética ocular estará em foco, uma vez

que “muitas das doenças com envolvimento genético têm repercussões na retina”.

Assim, a sessão conjunta do GPRV com o GPPOGO (sexta-feira, 24 de outubro, das 18h00 às 19h00) incide no tratamento das distrofias retinianas e na gestão das suas complicações. A Prof.^a Jasmina Kapetanovic, oftalmologista britânica com vários trabalhos

publicados sobre o tratamento genético da retinite pigmentar ligada ao cromossoma X, é a primeira preleitora desta sessão. Sérgio Estrela Silva antecipa que a colega

“deverá partilhar novidades e algumas esperanças relativas ao potencial da terapia génica na retinite pigmentar, uma vez que o tratamento genético atualmente disponível dirige-se a apenas um gene – o RPE65”.

Em seguida, o Prof. João Pedro Marques, oftalmologista na Unidade Local de Saúde (ULS) de Coimbra, aborda as

complicações e limitações da terapia génica na retinite pigmentar, destacando que “resulta muito bem nos doentes mais jovens, cuja degenerescência retiniana ainda não é completa”. No entanto, “em casos de doença mais avançada, este tratamento não traz benefícios”.

O especialista identifica como principal dificuldade o facto de “só haver tratamento para um gene, quando existem mais de 100 genes associados à retinopatia pigmentar”. Adicionalmente, “mesmo para este gene, há desafios associados ao procedimento cirúrgico, como a zona de administração da terapia

génica e o descolamento da hialoide posterior”. Também o facto de o tratamento “implicar uma injeção subretiniana poderá gerar uma aceleração do processo degenerativo”.

No momento seguinte da sessão, o Dr. Sérgio Estrela Silva junta-se ao Dr. Pedro Marques Couto, seu colega na ULS de São João, no Porto, para falarem sobre a avaliação da relação risco/benefício do tratamento, tendo por base um caso clínico. “Mesmo perante uma mutação genética, não podemos esquecer a vertente clínica e

temos de adaptar os tratamentos não só ao gene, como também à doença e à sua evolução. Em alguns casos mais dúbios, a relação risco/benefício do tratamento tem de ser bem ponderada”, alerta o coordenador do GPPOGO.

COLABORAÇÕES COM A SERV E O GER

No âmbito da Retina Ibérica – IV Reunião GPRV/SERV, decorrem dois simpósios na tarde de sexta-feira (15h00-17h00), um dedicado à retina médica e o outro à retina cirúrgica. Miguel Lume é um dos moderadores do primeiro simpósio, que inclui uma atualização em degenerescência macular da idade (DMI) atrófica, a abordagem atual da neovascularização macular miópica e a discussão do papel dos novos fármacos anti-VEGF no tratamento do edema ocular diabético e da DMI exsudativa, bem como dos corticosteroides na retina médica.

Relativamente à DMI atrófica, o coordenador do GPRV avança que “existem alguns fármacos já aprovados pela Food and Drug Administration [FDA] e vários ensaios clínicos em desenvolvimento, sobretudo com moléculas que têm como alvo a cascata do complemento”.

Quanto aos novos anti-VEGF, o oftalmologista na ULS de Santo António alerta que “é importante avaliar o seu impacto na vida real e discutir os resultados dos novos estudos”. No que toca aos corticosteroides, a principal mensagem é que “muitas vezes, são utilizados como complemento ou até em último recurso, quando podem ser introduzidos mais precocemente para tratar patologias como o EMD e as oclusões venosas da retina [OVR]”.

No simpósio dedicado à retina cirúrgica, “serão tratados tópicos muito atuais e aspetos práticos”, começando pelos contributos da tomografia de coerência óptica (OCT) intraoperatória, que “ainda não está disponível em todos os blocos operatórios”, como refere o Prof. João Figueira, que é um dos moderadores. Depois, estarão em análise as complicações associadas às lentes intraoculares Carlevalle-Soleko, o buraco macular iminente e a utilização de plasma rico em fatores de crescimento e de próteses de Boston na cirurgia vitreoretiniana. A este propósito, o oftalmologista na ULS de Coimbra salienta a “importância de conhecer as recomendações e os truques para operar estes casos, que são muito raros”.

Nos dois simpósios da IV Reunião GPRV/SERV, a apresentação e a discussão de cada tema serão conduzidas por uma dupla de oftalmologistas de Espanha e Portugal.

No âmbito da colaboração entre o GPRV e o GER, há duas sessões conjuntas, uma de retina médica, na sexta-feira (9h30-10h45), e outra de retina cirúrgica, no sábado (9h15-10h15). Com base em casos clínicos, na primeira sessão, os intervenientes discutirão quando é que a imagem multimodal pode ajudar no diagnóstico e no seguimento das doenças da retina. Já na sessão de retina cirúrgica os oftalmologistas intervenientes apresentarão os seus melhores e piores casos através da partilha de vídeos. “Vamos conhecer casos de sucesso cirúrgico, mas também de complicações ou insucessos, que não costumam ser tão abordados”, resume João Figueira, que também é presidente do GER e vice-presidente da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia.



Dr. Miguel Lume



Dr. Sérgio Estrela Silva



Prof. João Pedro Marques



Prof. João Figueira

TERAPIAS GENÉTICAS PARA DMI E RD

Na sessão “Hot Topics em Retina Médica”, que se realiza no sábado, 25 de outubro (11h15-12h30), a Dr.^a Ana Marta apresentará o ponto de situação das terapias genéticas na DMI e na retinopatia diabética (RD). “Perante o *burden* associado ao tratamento injetável destas patologias, que são muito prevalentes e as principais causas de perda de visão e cegueira nos países desenvolvidos, a terapia génica surge como uma abordagem revolucionária e transformadora”,

afirma a oftalmologista na ULS de Santo António. E acrescenta: “Com a criação de uma biofábrica no olho, onde as células do doente são modificadas para produzir agentes terapêuticos de forma continuada e sustentável, a terapia génica promete reduzir a frequência das injeções intravítreas e os encargos com os tratamentos, oferecendo maior esperança em termos de resultados visuais e qualidade de vida.”

No entanto, Ana Marta ressalva que, “apesar dos resultados promissores, a terapia génica ainda enfrenta alguns desafios, nomeadamente ao nível da resposta inflamatória, como a uveíte, ou da complexidade na entrega dos genes devida à estrutura delicada da retina”. A falta de dados de eficácia e segurança a longo prazo, bem como os elevados custos são outras dificuldades que se espera superar para facilitar o acesso às terapias de base genética.

Na sessão de *hot topics* em retina médica, serão também abordados os seguintes temas: ajustamento dos tempos dos intervalos terapêuticos com os novos anti-VEGF (Dr.^a Ana Luísa Basílio); inflamação com faricimab e aflibercept 8mg/0,07ml (Dr.^a Filipa Rodrigues); inteligência artificial na decisão clínica e na investigação (Dr.^a Cláudia Farinha); dose de carga (doentes naïve e *switch*) e quando suspender o tratamento na DMI (Dr.^a Inês Coutinho); e corticoides no EMD e nas OVR (Dr. Miguel Ruão).

Na manhã de sexta-feira (11h15-12h30), realiza-se a sessão “Hot Topics em Retina Cirúrgica”, com a análise dos seguintes tópicos: hemorragia macular maciça (Dr. Filipe Henriques); lentes para patologia macular (Dr. Nuno Correia); pneumopexia *versus* vitrectomia via pars plana (Dr. Mário Ornelas); tamponamento de silicone e complicações (Dr. Filipe Mira); quando um descolamento não tem indicação cirúrgica (Dr. Nuno Pinto Ferreira); e alta miopia (Dr.^a Rita Gentil).



Dr.^a Ana Marta

O MELHOR DE 2025

No sábado (14h00-15h00), decorrem ainda duas sessões de divulgação dos avanços mais recentes em retina médica e cirúrgica. No que toca à retina médica, a Prof.^a Ângela Carneiro evidencia que, “nos últimos anos, surgiram novas entidades clínicas e novos conceitos de abordagem diagnóstica e terapêutica”. “É importante que todos as conheçamos, para conseguirmos diagnósticos mais fidedignos e orientar melhor os doentes”, sublinha a oftalmologista na ULS de São João.

“Embora muitas entidades não sejam frequentes, importa considerá-las aquando da avaliação multimodal de um doente com OCT, autofluorescência do fundo ocular, retinografia e angio-OCT”. Além disso, Ângela Carneiro considera determinante “identificar essas entidades particulares, que podem implicar abordagens diferentes, nomeadamente a realização de estudo genético e a alteração do tratamento”.

Segundo a preleitora, “a área da retina médica é uma das mais entusiasmantes e atrativas da Oftalmologia na atualidade, porque tem registado grande evolução nas últimas décadas em termos de diagnóstico e tratamento”. Tal “tem levado ao aparecimento de novas entidades clínicas e exigido um maior rigor no tratamento das doenças”. Assim, Ângela Carneiro acredita que, “nos próximos anos, será possível tratar doenças para as quais ainda não há resposta e surgirão fármacos mais eficazes para diferentes patologias da retina”. As principais expectativas residem na terapia génica e nas terapias de substituição celular.

Depois, o Dr. Pedro Neves, oftalmologista na ULS da Arrábida, falará sobre o melhor de 2025 na área da retina cirúrgica. A reunião inclui ainda duas conferências – uma de retina cirúrgica, na sexta-feira (12h30-13h00), proferida pela Prof.^a Zofia Anna Nawrocka, oftalmologista da Polónia, e outra de retina médica, no sábado (12h30-13h00), a cargo do Prof. Giovanni Staurenghi, diretor do Departamento de Ciências Clínicas e Biomédicas da Clínica Universitária de Oftalmologia do Hospital Luigi Sacco, em Milão (ver entrevista nas páginas 6 e 7).



Prof.^a Ângela Carneiro

Mais informações nos destaques das entrevistas em vídeo



Crash course de neovascularização macular

O programa científico da Reunião Conjunta GPRV/GPPOGO termina com o *Macular Neovascularization Crash Course*, que Miguel Lume considera de grande relevância. “É importante termos noção de que a neovascularização macular pode assumir diferentes formas de apresentação em diversas patologias, mas também pode assumir formas bastante semelhantes e difíceis de diferenciar.” Nesse sentido, com um formato “bastante sintético e prático”, este curso intensivo permitirá aprofundar conhecimentos em DMI; distúrbios do espectro da paquicoroide; miopia; estrias angioides e doenças hereditárias da retina; telangiectasias maculares idiopáticas do tipo 2 e neovascularização macular idiopática; uveíte infecciosa; coroidopatia interna puntiforme, coroidite multifocal e coroidite serpiginosa; tumores e rutura da coroide.

Relativamente às doenças hereditárias da retina, João Pedro Marques realça a “necessidade de estar atento

à neovascularização, para que esta complicação seja identificada e tratada rapidamente, com injeções intravítreas de anti-VEGF”. Na sua preleção, este formador procurará referir as patologias nas quais a neovascularização é mais frequente, como as estrias angioides e as distrofias associadas ao gene *RPGR* e ao gene *PRPH2*. “Muitas vezes, os oftalmologistas não se lembram que as estrias angioides associadas ao pseudoxantoma elástico [PXE] são uma distrofia hereditária da retina”, alerta.

João Pedro Marques também vai “relembrar a importância do teste genético, dado que os doentes com PXE podem apresentar patologia sistémica importante, nomeadamente complicações cardíacas que devem ser monitorizadas, além do fenótipo ocular, que deve ser sempre avaliado devido ao risco muito elevado de neovascularização”. O curso terá a duração de duas horas (15h00-17h00) e é acreditado pela União Europeia de Médicos Especialistas, que atribuirá dois créditos aos participantes.



RESCALDO DAS JORNADAS DE COIMBRA



Alguns intervenientes nas XXXIII Jornadas Internacionais de Oftalmologia de Coimbra.

As XXXIII Jornadas Internacionais de Oftalmologia de Coimbra realizaram-se nos dias 11 e 12 de julho. A retina médica, a córnea, o glaucoma, a cirurgia vitreorretiniana e a oculoplástica pediátrica foram os temas em destaque.



Entrevistas em vídeo e mais fotografias

De acordo com o Prof. Rufino Silva (7.º a contar da esq., na fila da frente), o grande destaque da 33.ª edição das Jornadas Internacionais de Oftalmologia de Coimbra foi “a diversidade temática, conjugando atualização e inovação”. “Quisemos garantir que várias subespecialidades da Oftalmologia tivessem expressão na nossa reunião”, justifica o diretor do Serviço de Oftalmologia da Unidade Local de Saúde (ULS) de Coimbra.

A manhã de sexta-feira, 11 de julho, ficou marcada pelo Curso EUPO (European University Professors of Ophthalmology), dedicado às novidades em neurooftalmologia. De tarde, após a cerimónia de abertura, arrancou o programa científico das jornadas, com uma sessão sobre retina médica. “Um dos grandes destaques foi a apresentação das novidades na imagem da coroide, em particular a melhoria tecnológica significativa na imagem de campo amplo da circulação coroideia”, destaca Rufino Silva. Dos vários temas abordados, o responsável chama ainda a atenção para os novos tratamentos na retina médica, alertando para as “dúvidas associadas à fotobiomodulação”. O papel da inteligência artificial na retina, as novidades na atrofia geográfica, os biomarcadores na tomografia de coerência óptica e os novos regimes terapêuticos foram os restantes temas em análise.

O programa científico prosseguiu com uma sessão centrada nas novidades em patologias da córnea, nomeadamente na emetropização e na miopização, seguindo-se a discussão em torno do papel da inteligência artificial na abordagem do queratocone. “A criação de bases de dados de imagens de tomografia computadorizada e de topografia corneana permitirá um diagnóstico mais precoce, o que possibilitará um recurso mais atempado ao *crosslinking*”, antevê a Prof.ª Maria João Quadrado (3.ª a contar da esq., na 2.ª fila), uma das moderadoras.

Na área da córnea, a oftalmologista na ULS de Coimbra destaca ainda “os novos mecanismos para a correção de erros refrativos, que permitem adotar estratégias para estagnar a progressão da doença, nomeadamente através de fármacos como a atropina”. Dos outros temas discutidos, a especialista realça as queratites infecciosas e as evoluções diagnósticas, assim como o papel das técnicas minimamente invasivas no tratamento da distrofia de Fuchs e o debate sobre colheita e alocação de córneas.

O programa científico continuou com uma sessão dedicada ao glaucoma, na qual foram abordadas algumas técnicas cirúrgicas. Neste âmbito, o Dr. Pedro Faria (3.º a contar da esq., na fila da frente), um dos moderadores, chama a atenção para as especificidades da goniotomia. “A BANG [goniotomia interna com agulha curvada, na sigla em inglês] é uma opção cirúrgica para o ângulo, na qual utilizamos uma agulha. Trata-se de uma técnica de exe-

cução simples e económica”, resume o oftalmologista na ULS de Coimbra. “A cirurgia com microgancho é bastante semelhante, embora utilizemos um instrumento especificamente desenhado para realizar a goniotomia de forma segura e eficaz, quase sempre em combinação com a cirurgia de catarata”, acrescenta.

Após a apresentação destas duas técnicas cirúrgicas, debateu-se a aplicação de *stents* angulares e a canuloplastia *ab interno*. A sessão terminou com uma conferência sobre “as várias opções para a cirurgia angular do glaucoma”.

RETINA CIRÚRGICA E OCULOPLÁSTICA

No sábado, 12 de julho, os trabalhos iniciaram-se com a apresentação de casos clínicos nas diversas áreas oftalmológicas, seguindo-se uma mesa-redonda centrada na cirurgia vitreorretiniana. Nesta, foi apresentado um “*update* das novas tecnologias e inovações na área”, desde logo com a exposição “dos riscos e indicações à cirurgia de floaterectomia para remoção de moscas volantes”, conforme recorda o Prof. João Figueira (4.º a contar da esq., na 2.ª fila). “Foram também expostas as inovações e as recomendações internacionais para tratar, de forma conservadora, as complicações associadas à hemorragia macular, nomeadamente na degenerescência macular da idade”, refere o oftalmologista na ULS de Coimbra.

João Figueira proferiu uma preleção em torno das indicações cirúrgicas no contexto da retinopatia diabética proliferativa. “Falei acerca da utilização da tecnologia 27 gauge, que tem resultados interessantes em casos complexos, como os descolamentos tracionais da retina”, recorda o especialista. A mesa-redonda terminou com uma conferência sobre os últimos avanços na cirurgia vitreorretiniana.

A última sessão das jornadas foi dedicada à oculoplástica pediátrica, tendo começado com uma conferência sobre a gestão da obstrução congénita nasolacrimal. “Muitas vezes, quando a primeira sondagem falha, não sabemos muito bem qual a melhor abordagem. Contudo, existem diversas técnicas que podemos adotar, sendo fundamental pesar as vantagens e desvantagens de cada uma”, explica o **Prof. Guilherme Castela**, um dos moderadores desta mesa-redonda.

Outro dos temas em evidência foi a cirurgia da ptose em idade pediátrica. “Além do elemento estético, a ptose também tem um efeito muito importante no desenvolvimento da visão, porque pode ser uma das causas da ambliopia”, justifica o oftalmologista na ULS de Coimbra, reconhecendo que existe alguma controvérsia neste tema. A sessão dedicada à oculoplástica pediátrica terminou com uma preleção sobre tumores pediátricos que, “embora raros, são desafiantes e exigem um conhecimento aprofundado”.

Pedro Manuel Lopes





APOSTA NA FORMAÇÃO DE INTERNOS



A Reunião Anual dos Internos de Oftalmologia (RAIO) decorreu no passado mês de julho, em Ílhavo. O evento formativo ficou marcado por atividades práticas nos *dry labs*, pelas dicas teóricas sobre procedimentos cirúrgicos de urgência e por temas “fora da caixa”, como o voluntariado e a contabilidade aplicada à realidade médica. Foram também apresentados casos clínicos e vídeos cirúrgicos, sendo premiados os melhores trabalhos.

Pedro Manuel Lopes Ricardo Almeida

Na véspera da RAIO 2025, 4 de julho, decorreu um curso de estatística, lecionado pelo Prof. Firmino Machado, e centrado nos fundamentos de análise de dados em Oftalmologia. De acordo com a Dr.ª Ana Marta (na fotografia, 6.ª a contar da esq., na 1.ª fila), coordenadora da SPO Jovem, esta é uma área “bastante importante para a investigação e para a elaboração de trabalhos científicos”, com a qual nem todos os internos ou recém-especialistas contactam ao longo da sua formação. “Nesse sentido, a realização deste curso foi uma mais-valia”, assegura a também oftalmologista na Unidade Local de Saúde (ULS) de Santo António, no Porto.

O programa científico da RAIO arrancou, a 5 de julho, com uma sessão de *dry labs*, onde os internos puderam praticar técnicas cirúrgicas em olhos artificiais. “Com formadores experientes, num ambiente tranquilo e sem consequências para o doente, a aprendizagem é mais facilitada”, sustenta a coordenadora da SPO Jovem. No âmbito desta sessão, além do curso teórico-prático de ecografia, os formandos praticaram a cirurgia de catarata de pequena incisão (SICS, na sigla em inglês), a pupiloplastia, a sutura de córnea e a trabeculectomia, alternando entre estações.

O Dr. Miguel Raimundo foi o formador responsável pela SICS, uma técnica indicada para cataratas “com risco muito alto de descompensação corneana com facoemulsificação” ou em situações de “explante de lente intraocular rígida em que a abordagem por túnel

escleral permite um menor astigmatismo induzido”. Para realizar a SICS eficazmente, “o primeiro passo é a seleção adequada dos casos que possam beneficiar da técnica”.

“O principal desafio é construir um túnel perfeito, que deve ser comprido o suficiente de forma a evitar o prolapso ou a hérnia da íris”, refere o oftalmologista na ULS de Coimbra, que procurou transmitir aos formandos “a tridimensionalidade subjacente à construção de um túnel esclerocorneano, bem como a manobra de prolapso e extração do núcleo”. “Partindo do pressuposto de que existe alguma experiência prévia em microcirurgia, a curva de aprendizagem não é muito elevada. No entanto, requer cerca de dez casos para que o cirurgião se sinta confortável em construir um túnel de forma consistente”, defende Miguel Raimundo.

A formação em pupiloplastia ficou sob a alçada da Dr.ª Diana Silveira e Silva (na fotografia, 5.ª a contar da dta., na 2.ª fila). “Procurei providenciar uma base teórica e prática de como fazer uma pupiloplastia, especificando as técnicas de McCannel e de *single-pass four-throw*”, resume a oftalmologista na ULS de Amadora/Sintra. A técnica de McCannel “é mais simples e acessível, no entanto, como ocorre o estiramento da íris, é mais usada para defeitos superiores e pode ser um pouco traumática”. Já a técnica de *single-pass four-throw* “é muito versátil, não existe estiramento da íris e permite fechar defeitos da íris em qualquer posição do olho”.

“O maior desafio é fazer uma sutura intraocular dentro do segmento

anterior, que é um espaço muito pequeno”, descreve Diana Silveira e Silva, que, durante o *dry lab*, deu dicas práticas aos formandos. “Pode ser uma grande ajuda utilizar a própria cânula de viscoelástico para aplicar contrapressão sobre a íris e fazer uma pequena dobra para auxiliar a passagem da agulha”, exemplifica.



Momentos das formações em cirurgia de catarata de pequena incisão (1) e pupiloplastia (2).

A manhã do primeiro dia terminou com a sessão “*Outside the Box*”. O primeiro tema em foco foi o voluntariado em Oftalmologia, abordado pela Dr.^a Vânia Lages (na fotografia, 2.^a a contar da dta., na 2.^a fila). “Quis dar a conhecer algumas das missões humanitárias que estão a decorrer, as condições em que são realizadas e o que é esperado dos médicos”, recorda a oftalmologista na ULS do Alto Ave, que já participou em duas missões – uma na Guiné Bissau e outra em São Tomé e Príncipe –, onde o foco é, sobretudo, a cirurgia de catarata.

“A minha principal motivação é o meu gosto em trabalhar em equipa com um objetivo comum, num contexto diferente, com impacto na comunidade”, conta Vânia Lages. Comentando os maiores desafios associados às missões humanitárias, a oftalmologista revela que, na sua primeira missão, ainda enquanto interna, “foi desafiante lidar com a inexperiência”. “Pensei que seria útil e fui, porque todos temos um papel a desempenhar”, garante. “Na segunda missão, o principal desafio foi estar longe da família. São duas semanas fora de casa, pelo que é fundamental contar com uma rede de apoio familiar”, acrescenta.


A sessão “*Outside the Box*” contou ainda com uma palestra do Dr. José Enes sobre contabilidade aplicada à realidade médica. “É um tema que diz muito à nossa faixa etária, que está a começar a entrar no mercado de trabalho e tem dúvidas sobre economia e otimização de ganhos”, sublinha Ana Marta, coordenadora da SPO Jovem.

CIRURGIA EM CONTEXTO DE URGÊNCIA

Da parte da tarde, as atenções viraram-se para o “*Live Educational Event*” sobre cirurgia em contexto de urgência. A sessão iniciou-se com a discussão sobre tarsorrafia, cantotomia e cantólise, seguindo-se a cirurgia palpebral e, por fim, a reparação do globo ocular. Este último tema foi abordado pela Dr.^a Angelina Meireles (na fotografia, 4.^a a contar da esq., na 1.^a fila), que considera “essencial que os internos e jovens especialistas tenham as noções básicas sobre como abordar um doente com traumatismo ocular”.

“A minha apresentação tratou das regras básicas de como atuar durante a reparação primária do globo ocular. Antes, no entanto, é de enorme importância fazer uma boa história clínica do doente, para sabermos de antemão o que podemos encontrar”, introduz a oftalmologista na ULS de Santo António, no Porto. “Entender como aconteceu o acidente que levou ao trauma ocular dará pistas muito importantes para o diagnóstico e o tratamento”, reitera a especialista, alertando para a imprevisibilidade dos procedimentos cirúrgicos que podem ser necessários.

Nesse sentido, continua Angelina Meireles, um dos principais cuidados a ter neste tipo de procedimentos é a comunicação com o doente. “Devemos explicar-lhe muito bem quais são as possíveis consequências do trauma ocular, que, muitas vezes, não conseguimos resolver logo numa primeira abordagem”, reforça a especialista, apontando o controlo de complicações como outro fator decisivo neste tipo de cirurgia.


O último dia da RAO 2025, 6 de julho, ficou marcado pela apresentação de casos clínicos e pelo concurso de vídeos cirúrgicos. No final, foram premiados os melhores trabalhos apresentados. 

Outros instantes e entrevistas da RAO 2025

PRÉMIOS ATRIBUÍDOS




Melhor vídeo cirúrgico:


 “*Surgical management of post-angle closure mature cataract in high hyperopia: overcoming corneal opacities, shallow chamber, and poor mydriasis*”.

Dr.^a Catarina Barão (ULS de São José, em Lisboa).

Melhor caso clínico (ex aequo):

 “*Ophthalmology without borders: collagene trouble*”.

Dr. João Cabanas (ULS de Gaia/Espinho).

 “*Decreased visual acuity in a paediatric patient: a hidden pearl*”. **Dr.^a Inês Mendo** (ULS de Almada-Seixal).

OFTALGEST DISCUTIU POLÍTICAS DE SAÚDE INTEGRADAS




A sessão “Políticas de saúde integradas” foi um momento alto do III Oftalgfest, contando com as intervenções do Prof. Pedro Menéres (presidente da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia), da Dr.^a Ana Sottomayor (diretora executiva do Plano Nacional de Saúde 2030), do Prof. António Leuschner (vice-presidente da Fundação para a Saúde do SNS) e do Prof. Victor Ramos (presidente do Conselho Nacional de Saúde).

Nos dias 5 e 6 de junho passado, realizou-se a 3.^a edição da reunião Oftalgfest, em Viana do Castelo. A palavra “integração” esteve presente em todas as sessões, que debateram as transformações decorrentes do atual modelo de organização em Unidades Locais de Saúde (ULS).

“Procurámos abordar todas as vertentes da nova realidade, desde o ponto de vista estrutural ao financeiro, focando aspetos como a integração digital ou o capital humano. Estes temas são indispensáveis à discussão sobre o futuro da Saúde”, afirma o Dr. Sérgio Azevedo, diretor do Serviço de Oftalmologista da ULS do Alto Minho e organizador da reunião Oftalgfest.

Entre os destaques do encontro, Sérgio Azevedo salienta a presença do Dr. Wagih Aclimandos, presidente da European Society of Ophthalmology, que “partilhou a sua visão sobre o futuro da Oftalmologia e os desafios com que se confrontarão os oftalmologistas”. “Destaco também a sessão sobre integração vertical, na qual se procurou explicar as características do novo modelo de ULS, e a sessão sobre integração dos municípios com as ULS”, acrescenta o responsável. Outros *highlights* foram a sessão dedicada aos sistemas locais de saúde, que analisou “o contributo do setor privado neste novo modelo”, e a sessão sobre políticas de saúde integradas (ver fotografia e legenda).

Entre os desafios identificados na gestão da saúde oftalmológica, Sérgio Azevedo aponta “a carência de recursos humanos e a incapacidade de retenção de profissionais no Serviço Nacional de Saúde”. Acresce “a pressão causada nos Serviços de Oftalmologia pelo aumento da prevalência de patologias como a diabetes e pelo aumento do número de doentes diagnosticados e referenciados a necessitar de tratamentos crónicos”.

Perspetivando já o IV Oftalgfest, que se realizará em 2027, Sérgio Azevedo lança o desafio aos colegas oftalmologistas para “sugerirem temas ou intervenientes que gostassem de ver na próxima edição”. “A mudança nos serviços depende das pessoas que os constituem, dos administradores hospitalares e dos responsáveis das mais altas entidades da Saúde. O propósito do Oftalgfest é inspirar estas pessoas”, remata o organizador.  **Pedro Bastos Reis**



RECENTES REPRESENTAÇÕES INTERNACIONAIS DA SPO

Entre maio e agosto deste ano, a Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO) esteve representada em vários congressos internacionais, destacando-se não só pela organização (a título individual ou em conjunto) de simpósios, mas também pela partilha de experiências e conhecimentos nas mais diversas áreas oftalmológicas. Entre estas representações internacionais, sobressaem os laços cada vez mais estreitos da SPO com as congéneres brasileiras.

Pedro Bastos Reis DR



Alguns dos participantes portugueses no 36.º Congresso Pan-Americano de Oftalmologia: Prof.ª Rita Flores, Prof.ª Inês Leal, Dr. Vítor Maduro, Prof. Pedro Menéres, Dr.ª Angelina Meireles, Dr.ª Maria João Menéres e Dr.ª Joana Cardigos.

36.º CONGRESSO PAN-AMERICANO DE OFTALMOLOGIA

Realizado entre 30 de maio e 2 de junho, em Bogotá, na Colômbia, o 36.º Congresso da Pan-American Association of Ophthalmology (PAAO) voltou a ser o ponto de encontro para oftalmologistas de todo o mundo. Como tem sido habitual, a SPO marcou presença no evento desta “sociedade irmã, com a qual tem desenvolvido muitas parcerias e atividades conjuntas”, como realça a Prof.ª Rita Flores, diretora do Serviço de Oftalmologia da Unidade Local de Saúde (ULS) de São José.

Um dos pontos altos da participação nacional foi o simpósio conjunto da SPO com o Conselho Brasileiro de Oftalmologia (CBO), no dia 1 de junho, moderado pela Prof.ª Rita Flores e pela Prof.ª Maria Auxiliadora Frazão (secretária-geral do CBO). “Esta sessão teve a miopia como denominador comum, abordando temas médicos e cirúrgicos. Percebemos que existe bastante know-how nos dois países sobre este tema”, justifica a ex-presidente da SPO.

No simpósio SPO/CBO, Rita Flores falou sobre neovascularização macular, incidindo nas várias vertentes da degenerescência macular miópica, nas particularidades semiológicas e diagnósticas da neovascularização macular da alta miopia, e nos tratamentos preconizados atualmente. Na mesma sessão, a Dr.ª Angelina Meireles abordou a componente cirúrgica da maculopatia miópica.

Além das diversas intervenções ao longo do congresso da PAAO, a participação portuguesa ficou ainda marcada pela distinção da Prof.ª Inês Leal com o *Richard & Chita Abbott Young Leader Award* (ver página ao lado) e pela integração da Dr.ª Joana Cardigos no novo programa de liderança da PAAO, com duração de dois anos.



11.º CONGRESSO MUNDIAL DE GLAUCOMA

O Grupo Português de Glaucoma da SPO organizou uma sessão no primeiro dia do 11.º World Glaucoma Congress, decorrido entre 25 e 28 de junho, em Honolulu, no Havai, na qual partilhou a experiência portuguesa com a inteligência artificial (IA) na abordagem desta patologia. “Abordei como a IA poderá ajudar-nos a melhor diagnosticar e seguir os nossos doentes com glaucoma, melhorando a performance diagnóstica de exames como a OCT [tomografia de coerência óptica] e a PEC [perimetria estática computadorizada], mas não só”, recorda o Dr. Fernando Trancoso Vaz, coordenador do Grupo Português de Glaucoma. “A IA poderá ajudar a detetar perdas subtis e a estimar eventuais progressões nos modelos multimodais, assim como integrar informação clínica dos meios complementares de diagnóstico.”

Segundo informa o também oftalmologista na ULS de Amadora/Sintra, em seguida, a Dr.ª Isabel Lopes Cardoso resumiu o que está publicado sobre a aplicabilidade da IA na OCT e na PEC, e o Prof. João Barbosa Breda apresentou os primeiros resultados de um estudo que tem como objetivo “extrair informação do nervo óptico, do mesmo doente, a partir de aparelhos de OCT com marcas diferentes, permitindo manter o *follow-up* do doente, independentemente de que OCT é usada, o que até à data não é possível”. Depois, o Dr. Pedro Faria e a Dr.ª Rita Falcão Reis “falaram sobre as suas experiências, em Coimbra e no Porto, com *machine learning* e validação da informação da IA”. Na última palestra da sessão, o Prof. Luís Abegão Pinto apresentou “um estudo inovador sobre a utilização de um *software* de IA aplicado à retinografia para rastreio da retinopatia diabética, de forma a avaliar a possibilidade de esses doentes terem glaucoma, levando a um eventual ‘repensar’ da hipótese de rastreios populacionais de glaucoma”.

De acordo com Fernando Trancoso Vaz, “a oportunidade de realizar uma sessão no maior congresso mundial de glaucoma foi excelente para Portugal, não só para apresentar a experiência nacional, como também para refletir sobre um tema que marcará o futuro da Oftalmologia”. “A IA é um grande passo em frente, mas muitas ferramentas ainda têm de ser validadas”, conclui o oftalmologista.

XIII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE OFTALMOLOGIA

No primeiro dia do XIII Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Oftalmologia (SBO), realizado entre 26 e 28 de junho, em Salvador, no Brasil, a Dr.ª Cláudia Costa Ferreira falou numa palestra de estrabismo e oftalmologia pediátrica, partilhando a experiência de 25 anos da ULS de Entre Douro e Vouga (onde exerce atividade clínica) no rastreio de fatores de risco ambliogénicos. “Até 2016, o rastreio era realizado de forma autónoma. Desde então, passámos a integrar o programa de rastreio de saúde visual infantil implementado pela Direção-Geral da Saúde. Ao longo dos anos, temos conseguido garantir uma boa resposta em todo o processo, desde a leitura do exame até à marcação da consulta, sempre que o resultado é positivo”, sintetiza a oftalmologista na ULS de Entre Douro e Vouga e vogal na direção da SPO.

Notando que “a ambliopia é uma doença com um impacto social muito significativo, constituindo uma das principais causas de cegueira monocular em pessoas entre os 20 e os 70 anos”, Cláudia Costa Ferreira sublinha que é também “uma patologia reversível mediante medidas terapêuticas adequadas e oportunas”, o que reforça a importância do rastreio. “A experiência do nosso Serviço de

Intervenientes na sessão “*Glaucoma management and artificial intelligence – portuguese experience*”: Dr.ª Isabel Lopes Cardoso, Dr. Pedro Faria, Dr.ª Rita Falcão Reis, Dr. Fernando Trancoso Vaz (moderador), Prof. João Barbosa Breda e Prof. Luís Abegão Pinto (moderador).



Delegação da SPO com o presidente da SBO: Dr.ª Cláudia Costa Ferreira, Prof. Oswaldo Moura, Dr.ª Ana Vide Escada e Dr. Miguel Mesquita Neves.

Oftalmologia demonstrou que a prevalência da ambliopia, na nossa população, é de aproximadamente 1%, um valor bastante inferior ao descrito noutros estudos, que varia entre 2% e 5%. Estes resultados reforçam que, quando o rastreio é corretamente implementado e apoiado por uma equipa multidisciplinar motivada, o seu impacto social pode ser muito significativo”, assegura.

Os outros dois membros da delegação da SPO no Congresso de 2025 da SBO, a Dr.ª Ana Vide Escada e o Dr. Miguel Mesquita Neves, abordaram, respetivamente, a gestão da miopia em idade pediátrica e os mapas epiteliais.


69.º CONGRESSO BRASILEIRO DE OFTALMOLOGIA

Entre 27 e 30 de agosto, em Curitiba, realizou-se o 69.º Congresso Brasileiro de Oftalmologia, organizado pelo CBO. De Portugal, estiveram presentes e intervieram no programa científico o Prof. Amândio Rocha Sousa, o Dr. João Gil e a Dr.ª Helena Prior Filipe.

Logo no primeiro dia, Amândio Rocha Sousa participou na discussão do Dia Especial de Retina e Vítreo, ao longo do qual foram apresentados 12 casos cirúrgicos. “Os colegas brasileiros partilharam casos complicados, sobretudo de doentes com retinopatia diabética proli-

ferativa com descolamento associado, de doentes com necessidade de silicone intraocular ou de implante de lentes intraoculares com fixação à íris e à esclera”, resume o tesoureiro da SPO. O também diretor do Serviço de Oftalmologia da ULS de São João aproveitou para explicar a técnica que utiliza para fixação escleral. “É uma técnica de sutura com Gore-Tex®, que realizamos por via subconjuntival, ao passo que os colegas brasileiros tendem a abrir a conjuntiva, o que causa mais traumatismo”, refere.

Já no dia 29 de agosto, Amândio Rocha Sousa proferiu uma palestra sobre baixa inexplicada de visão após tamponamento com silicone durante uma cirurgia de retina, na sessão “CBO no cotidiano”. “Sobretudo nos mais jovens, devemos tirar o silicone com alguma brevidade, pois existem casos em que, após remoção do silicone, os doentes sofrem uma baixa significativa da acuidade visual”, destaca.

Quanto às restantes intervenções dos oftalmologistas portugueses, o Dr. João Gil participou numa discussão de desafios nos transplantes de córnea e proferiu uma palestra sobre cirurgia de catarata no contexto de transplante de córnea, na qual partilhou dicas como o *timing* da cirurgia e o cálculo das lentes. Por sua vez, a Dr.ª Helena Prior Filipe interveio na discussão do Dia Especial de Córnea e Doenças Externas, que se centrou nos desafios das infeções oculares. 



Prof. Amândio Rocha Sousa (1.º a contar da direita) com alguns colegas brasileiros, durante o congresso de 2025 do Conselho Brasileiro de Oftalmologia.

PROF.ª INÊS LEAL DISTINGUIDA COM PRÊMIO PAN-AMERICANO

A secretária-geral adjunta da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO), Prof.ª Inês Leal, foi distinguida pela Pan-American Association of Ophthalmology (PAAO) com o *Richard & Cecilia "Chita" Abbott Young Ophthalmologist Leadership Award*. O prémio foi entregue na cerimónia de abertura do 36.º Congresso da PAAO. “É muito bom trazer prémios internacionais para Portugal. Dá-nos vigor para implementar ideias de liderança e inovação na nossa sociedade”, afirma Inês Leal.


Esta foi primeira vez que o *Richard & Cecilia "Chita" Abbott Young Ophthalmologist Leadership Award* veio para Portugal. Este prémio, atribuído de dois em dois anos, destina-se a um jovem oftalmologista (até aos 40 anos) que demonstre capacidade de liderança na sua sociedade nacional ou ao nível internacional. Na origem da distinção de Inês Leal está o projeto “SPOKE – Sociedade Portuguesa de Oftalmologia Knowledge Engagement”, que propõe a criação de um núcleo de *Patient Research Partners* (PRP) na SPO. O objetivo é “integrar grupos de doentes formalmente treinados nos processos de investigação clínica”.

Segundo Inês Leal, os doentes devem ter participação relevante na realização de estudos clínicos. “Devemos incluir os doentes nos desenhos dos estudos, assim como na análise e na divulgação dos resultados”, reitera a também

coordenadora do Departamento de Uvéites da Unidade Local de Saúde de Santa Maria, em Lisboa.

Esta mudança de paradigma conduzirá, segundo Inês Leal, “a uma investigação mais relevante, que traduzirá as necessidades dos doentes e os seus valores”. Por outro lado, trará um grande benefício para a SPO em termos de financiamento. “Este projeto poderá dar-nos uma vantagem competitiva, pois as bolsas internacionais requerem, cada vez mais, que os doentes sejam incluídos nos ensaios como *research partners* formais”.

O contexto e os objetivos do PRP foram delineados com a “aprovação da SPO, que tem apoiado incondicionalmente o projeto”, contando com alguns colaboradores, nomeadamente a Liga Portuguesa contra as Doenças Reumáticas, “que tem treinado formalmente os doentes”, através da European Patients’ Academy on Therapeutic Innovation (EUPATI), que promove a literacia em investigação clínica e a inclusão de doentes nos estudos.

De acordo com Inês Leal, é esperado que, até ao final do mandato desta direção da SPO, “o treino formal dos doentes seja adaptado ao contexto da Oftalmologia nacional, através das ferramentas de *open access* e das *toolboxes* da EUPATI”. Assim, os doentes terão a possibilidade de “acompanhar os projetos e de intervir juntamente com as equipas de investigação”.  **Pedro Manuel Lopes**



Prof.ª Inês Leal (2.ª a contar da dta.) a receber o prémio no 36.º Congresso da PAAO.





★ IMUNOSSUPRESSÃO ★ NO TRATAMENTO DAS UVEÍTES



O Prof. Rui Proença e a Dr.ª Marta Guedes moderaram as diversas palestras do curso.

A Sociedade Portuguesa de Oftalmologia e a Sociedade Portuguesa de Reumatologia uniram esforços para a organização do *Uveitis Boot Camp* – Curso Intensivo de Imunossupressão, decorrido a 30 de maio passado, em Lisboa. Fomentando a multidisciplinaridade, a formação esteve centrada, particularmente, na prescrição de diversas opções farmacológicas e na monitorização dos doentes.

 Matilde Dias  Rui Santos Jorge

Segundo a Dr.ª Marta Guedes, coordenadora do Grupo Português de Inflamação Ocular, este curso intensivo de imunossupressão teve como objetivo “responder à necessidade de formação científica nas áreas da Oftalmologia e da Reumatologia”, tendo em conta “a ligação íntima” entre as duas especialidades. “Muitos doentes com doenças reumáticas têm manifestações oftalmológicas, como as uveítes. Por isso, é muito comum partilharmos doentes, tratando-os em conjunto”, sustenta a oftalmologista na Unidade Local de Saúde (ULS) Lisboa Ocidental.

Nesse sentido, “é muito importante uma abordagem conjunta”, que se estenda também a outras áreas médicas, como a Infeciolgia, a Medicina Interna e a Pediatria. “Desta forma, a nossa abordagem será cada vez mais completa e integradora”, reitera Marta Guedes.

A formação arrancou com a intervenção da Dr.ª Sara Casanova sobre risco infeccioso na imunossupressão, seguida pela preleção do **Prof. Fernando Pimentel dos Santos** sobre a prescrição de corticoides. “São fármacos muito antigos, mas que continuam a ser muito desafiantes e com capacidade para aumentar a esperança de vida dos doentes, dando-lhes melhor qualidade de vida”, afirma o presidente da Sociedade Portuguesa de Reumatologia.

Na escolha do tratamento com corticoides, o também reumatologista na ULS de Lisboa Ocidental considera fundamental ter em conta fatores como “o grau de gravidade da patologia, a idade e as comorbilidades do doente”. Neste âmbito, o especialista chama a atenção para os desafios no uso de corticoides em doentes com uveítes, alertando que “as espondiloartrites podem cursar com uveítes de repetição”. “Perante situações de elevada gravidade ou recidivantes, devemos pensar em terapêuticas imunossupressoras que permitam reduzir, progressivamente, o uso de corticoides, pois estes têm efeitos secundários relevantes”, defende.



OPÇÕES TERAPÊUTICAS

O curso prosseguiu com a apresentação do Dr. Augusto Faustino sobre medidas poupadoras de corticoides, ao passo que a Dr.ª Patrícia Pinto abordou a prescrição e a monitorização dos fármacos antirreumáticos modificadores de doença (DMARD, na sigla em inglês). Por seu turno, a Dr.ª Carina Lopes (2.ª a contar da esq., de pé, na fotografia de grupo) discorreu acerca da associação de imunossupressores, uma prática que “pode ajudar na remissão controlada da inflamação ocular, sem grandes efeitos adversos adicionais”.

“Este tipo de abordagem é particularmente útil quando o doente não tem a doença controlada ou quando precisa de um desmame rápido de corticoides”, explica a reumatologista na ULS de Lisboa Ocidental. “Nestes casos, normalmente, combinamos dois imunos-

supressores convencionais ou um imunossupressor convencional com um DMARD biológico. É uma opção terapêutica que temos disponível, apesar de a evidência nas uveítes não ser muito grande”, acrescenta. Na sua preleção, Carina Lopes destacou ainda os benefícios “da combinação mais comumente utilizada de metotrexato com adalimumab”. “Não devemos ter receio de utilizar combinações e devemos estar conscientes de que são seguras, com benefícios para os doentes”, assegura.

De seguida, a Dr.ª Cátia Duarte falou sobre a prescrição e monitorização de DMARD biológicos, ao passo que a Dr.ª Helena Santos (1.ª a contar da esq., de pé, na fotografia de grupo) refletiu acerca da utilização dos DMARD sintéticos de alvo (tsDMARD, na sigla em inglês). “É uma classe farmacológica que tem vindo a ganhar cada vez maior importância em várias patologias reumáticas que, muitas vezes, apresentam também manifestações oftalmológicas”, realça a reumatologista e coordenadora do Hospital de Dia do Instituto Português de Reumatologia.

Os tsDMARD, continua a preleitora, “já são utilizados em muitas patologias que cursam com uveíte, nomeadamente a artrite psoriática e, sobretudo, a espondiloartrite axial”, permitindo “alcançar remissão e controlo da doença num número cada vez maior de doentes”. “O seu papel específico nas uveítes ainda está por determinar, mas os estudos com tsDMARD tópicos são promissores”, afirma Helena Santos, acrescentando que estes fármacos são muitas vezes utilizados como segunda linha terapêutica, com bons resultados “em doenças reumáticas inflamatórias, incluindo a artrite reumatoide, a artrite psoriática e espondiloartrite axial”.

De seguida, a Prof.ª Elsa Sousa expôs a evidência em torno dos DMARD biológicos. O curso terminou com a intervenção da Dr.ª Filipa Ramos sobre as particularidades da imunossupressão em idade pediátrica.

Outras fotografias do curso e entrevistas em vídeo com alguns dos participantes



Alguns dos participantes no curso fotografados no terraço da sede da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia, com vista para o Campo Pequeno, em Lisboa.

Juntos vemos novos horizontes



Junte-se à Roche

Ophthalmology Network!

*Saiba mais sobre os projectos
em curso através do QR Code*

Roche Farmacêutica Química, Lda.

Estrada Nacional 249-1, 2720-413 Amadora

Telf. +351 214 257 000 • Cont. N° 500 233 810

www.roche.pt

M-PT-00003502, Out 2025

**Mantenha-se um passo à
frente na luta contra a
perda de visão**



PORTUGAL FOI PALCO DA OFTALMOLOGIA EUROPEIA

Entrevistas em vídeo com intervenientes no Congresso da SOE e mais fotografias



Ao receber, entre os dias 7 e 9 de junho, o Congresso de 2025 da European Society of Ophthalmology (SOE), Lisboa foi o epicentro da Oftalmologia europeia. Um reconhecimento da qualidade científica nacional, mas também uma oportunidade para os internos e especialistas portugueses contactarem de perto com as mais recentes inovações nas diversas áreas oftalmológicas. O simpósio promovido pela Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO) e a *keynote* da Prof.^a Filomena Ribeiro sobre cirurgia da catarata e visão funcional foram alguns dos destaques do evento.

Matilde Dias Nuno Branco



Alguns participantes portugueses no Congresso da SOE: Dr. João Heitor Marques, Dr. Miguel Amaro, Dr. Tomás Loureiro, Dr. Miguel Raimundo, Prof. Pedro Menéres, Dr.^a Angelina Meireles, Dr. Miguel Mesquita Neves, Dr. Vasco Miranda, Dr.^a Sílvia Monteiro e Dr.^a Maria João Menéres.

Segundo o Prof. Pedro Menéres, acolher o Congresso da SOE em Portugal significa, desde logo, “o reconhecimento das várias capacidades do país”. “A Oftalmologia portuguesa é reconhecida no mundo devido à sua qualidade, nomeadamente na atividade clínica e no desenvolvimento de projetos de investigação”, sustenta o presidente da SPO. “Portugal participa em múltiplos estudos internacionais multicêntricos, nas mais diversas áreas da Oftalmologia. Estamos a par de tudo o que há de mais avançado”, assegura.

Pedro Menéres discursou na abertura do congresso, acolhendo os “mais de 2000 participantes” e destacando “pormenores do país, dos Descobrimentos, da língua portuguesa e da Oftalmologia nacional, designadamente a descoberta de Plácido da Costa com o Disco de Plácido”. O presidente da SPO anunciou ainda a realização do 17th European Society of Ocular and Surface Disease Specialists Congress no Porto, entre 22 e 24 de maio de 2026.

Pedro Menéres realça ainda que a SPO “assumiu uma parte importante na organização” do congresso da SOE, sendo de realçar “o papel decisivo” da Dr.^a Angelina Meireles, secretária-geral desta organização europeia e anterior vice-presidente da SPO, na construção de um programa diversificado. “Ao contrário de outros eventos mais dirigidos a subespecialidades, no Congresso da SOE há uma cobertura universal da Oftalmologia”, enaltece o também diretor de Serviço de Oftalmologia da Unidade Local de Saúde (ULS) de Santo António, no Porto.

Por sua vez, a Dr.^a Angelina Meireles considera que o programa científico multidisciplinar “é uma das mais-valias dos congressos da SOE”, elogiando com a vincada participação nacional. “Portugal foi o país com o maior número de inscritos e mais trabalhos submetidos ao congresso”, destaca a secretária-geral da SOE. “Estivemos representados, transversalmente, em todas as áreas, com intervenções de seniores e de oftalmologistas mais jovens”, sublinha a também oftalmologista na ULS de Santo António.

Relativamente à participação portuguesa, no sábado, 7 de junho, a Prof.^a Filomena Ribeiro moderou uma sessão promovida pela European Society of Cataract & Refractive Surgeons (ESCRS), à qual preside. “O foco da sessão foi a avaliação pré-operatória e os cuidados que devemos ter para obter os melhores resultados possíveis na cirurgia de catarata”, recorda a diretora do Serviço de Oftalmologia do Hospital da Luz Lisboa. Nesta sessão, Filomena Ribeiro fez uma preleção sobre a utilização de lentes intraoculares (LIO). “Existem grandes desenvolvimentos técnicos nos *designs* ópticos, que permitem não só resolver o problema da acuidade visual, como também do impacto funcional”, destaca a especialista.

Ainda no sábado, Angelina Meireles moderou uma sessão de *dry lab video* organizada pela International Society of Ocular Trauma, destacando os vídeos apresentados por oftalmologistas ucranianos. “Nos traumas oculares relacionados com a guerra, é importante que os cirurgiões estejam familiarizados com procedimentos inovadores, pois, hoje em dia, existe a possibilidade de reconstruir olhos e devolver a visão”, salienta a especialista.



O Prof. Pedro Menéres discursou na sessão de abertura (1), um dos momentos altos do evento, com sala cheia (2). O presidente da SOE, Dr. Wagih Aclimandos, fez um agradecimento especial à SPO e à Dr.^a Angelina Meireles (3).

Balanço do presidente da SOE

O Dr. Wagih Aclimandos faz um balanço “extremamente positivo” do congresso, considerando que “a organização foi extraordinária”. “Batemos o recorde em termos de participação, com cerca de 2000 delegados, de 92 países, sempre com salas cheias”, elogia o presidente da SOE. “É uma sensação muito boa ver o trabalho árduo reconhecido.” Uma das mais-valias do congresso, além do programa científico abrangente e diversificado, foi a possibilidade de os congressistas se encontrarem “cara a cara”, o que “faz toda a diferença na partilha de ideias, na atualização de conhecimentos e no *networking*”.

Considerando que a colaboração internacional é fundamental para o desenvolvimento da Oftalmologia europeia, Wagih Aclimandos nota que “fatores históricos e culturais explicam a diversidade na formação entre países, sendo fundamental reconhecer as diferenças, apoiar os formandos e difundir as diretrizes europeias”. Daí a importância da educação global. “A realização de exames com certificação europeia permite elevar a qualidade formativa e, sobretudo, harmonizar a formação, facilitando a movimentação dos oftalmologistas entre países”, conclui.

SIMPÓSIO SPO SOBRE CIRURGIA DE CATARATA

Ainda durante a tarde de sábado, decorreu o simpósio organizado pela SPO sobre o planeamento da cirurgia de catarata. A primeira preleção ficou a cargo do Dr. Miguel Mesquita Neves, que falou acerca da preparação da superfície ocular e da córnea para a cirurgia. “Em primeiro lugar, é importante ter em conta que a catarata surge, na maioria das vezes, numa faixa etária mais elevada, quando existe uma grande prevalência de alterações da superfície ocular, nomeadamente síndrome de olho seco”, afirma o coordenador do Grupo de Português de Superfície Ocular, Córnea e Contactologia.

Nesse sentido, continua o também oftalmologista na ULS de Santo António, “é fulcral uma avaliação criteriosa antes da cirurgia de catarata, não só porque o olho seco altera, por si só, a qualidade visual, mas também porque pode influenciar, de forma significativa, as medições pré-operatórias necessárias ao cálculo adequado da LIO”. Tal afeta a topografia corneana e a queratometria e, consequentemente, a biometria. Em certos casos, admite o especialista, pode ser necessário protelar a cirurgia de catarata, de forma a “tratar primeiro a patologia corneana”. “Desta forma, conseguiremos não só ter uma córnea em melhor condição, como também fazer uma correção refrativa mais eficaz”, conclui.

De seguida, o Dr. Tomás Loureiro discorreu acerca da classificação e da seleção de LIO, ao passo que o Dr. Miguel Raimundo deixou dicas para o cálculo de LIO. “Além de recorrer às plataformas de planeamento padrão que vêm incluídas nos biómetros, podemos também experimentar novas opções disponíveis *online*, de uso gratuito, que permitem uma extensão do potencial dos nossos aparelhos para novas formas e métodos de cálculo”, resume o coordenador do Grupo Português de Cirurgia Implanto-Refrativa. Em particular, o também oftalmologista na ULS de Coimbra destacou os benefícios do recurso à calculadora desenvolvida pela ESCRS, “que permite analisar cerca de dez fórmulas em simultâneo”. “Apresentei também outras ferramentas especializadas, como o cálculo de LIO após queratcone ou cirurgia refrativa a laser”, recorda.

O simpósio promovido pela SPO terminou com a apresentação do Dr. Miguel Amaro sobre bloco operatório digital. “É uma visão de futuro, na qual existe uma interligação entre os aparelhos do pré e do intraoperatório”, antecipa Miguel Raimundo. E conclui: “Todos conseguimos fazer cirurgia de catarata com uma grande taxa de sucesso e, nos últimos cinco anos, assistimos ao surgimento de um conjunto de ferramentas que permitem subir a fasquia neste procedimento cirúrgico.”

TRAUMA E VISÃO FUNCIONAL

Já no domingo, 8 de junho, Angelina Meireles moderou uma sessão sobre gestão do trauma do segmento anterior, na qual foram abordados os principais desafios cirúrgicos. “Num olho traumatizado, não se realiza uma cirurgia com os passos todos predefinidos. Há surpresas, pelo que é necessário conhecer as diversas metodologias”, afirma a secretária-geral da SOE. De realçar que, nesta sessão, o Dr. Diogo Fortunato e a Dr.ª Sofia Oliveira Machado apresentaram, respetivamente, trabalhos sobre hipotonia induzida por ciclodíalise em idade pediátrica após trauma ocular e sobre o papel das lentes Artisan® em evitar lesões oculares.

Um dos destaques do dia – e de todo o congresso – foi a *keynote* de Filomena Ribeiro sobre cirurgia de catarata e visão funcional. A palestra foi introduzida por Angelina Meireles, que destaca “o facto de um momento tão importante do evento ter sido protagonizado por uma portuguesa”. “É a prova da qualidade da Oftalmologia nacional ao nível europeu”, reitera.

Durante a sua conferência, Filomena Ribeiro alertou para os maiores desafios relacionados com a visão funcional no pós-operatório da cirurgia de catarata, nomeadamente “o custo da lente, as limitações nos sistemas de saúde públicos, os fenómenos disforéticos e a neuroadaptação”. “Com um pré-operatório e uma boa avaliação das necessidades dos doentes, conseguimos encontrar soluções personalizadas para cada caso”, defende a presidente da ESCRS. Desta forma, conclui a conferencista, é possível proporcionar “uma boa qualidade de vida aos doentes”, o que ganha especial importância tendo em conta “as alterações demográficas em curso devido ao envelhecimento da população, assim como pelo aumento do número de anos de vida ativa”.



Prof.ª Filomena Ribeiro durante a keynote sobre cirurgia de catarata e visão funcional.

FUTURO NAS PATOLOGIAS RETINIANAS


Na segunda-feira, 9 de junho, o Prof. João Pedro Marques moderou a sessão dedicada aos SOE *lecturers* (que proferiram a conferência SOE nos respetivos países), na qual também apresentou a sua investigação em distrofias hereditárias da retina, “uma área em franco crescimento”. “Em 2021, Portugal tinha poucos dados sobre a prevalência e a epidemiologia destas doenças. Atualmente, graças à colaboração entre a SPO e o Grupo de Estudos da Retina e à criação de um registo nacional – o módulo IRD-PT do Retina.pt –, conseguimos ter dados sobre estas patologias e produzir investigação que se traduz em benefícios diretos para os doentes”, enaltece o oftalmologista na ULS de Coimbra.

O especialista reflete ainda acerca do futuro no tratamento das patologias da retina, antevendo um papel central da genética. “Ao nível das distrofias da retina, tratando-se de doenças monogénicas, é mais fácil encontrar tratamentos eficazes direcionados às alterações genéticas que provocam a doença”, antecipa João Pedro Marques.

De realçar que, durante o congresso, o oftalmologista da ULS



Prof. João Pedro Marques com o diploma do EuLDP acompanhado pelo Dr. Wagih Aclimandos e pelo Prof. Anthony Khawaja, diretor do EuLDP.

de Coimbra recebeu um diploma de participação no *European Leadership Development Programme* (EuLDP) – turma de 2023-2025. Este programa tem como objetivo identificar futuros líderes em Oftalmologia, que possam dinamizar e promover a qualidade científica europeia. 



PONTES ENTRE CIRURGIA IMPLANTO-REFRATIVA, CÓRNEA E OFTALMOLOGIA PEDIÁTRICA



A inclusão do Grupo Português de Oftalmologia Pediátrica e Estrabismo (GPOPE) na reunião conjunta do Grupo Português de Cirurgia Implanto-Refrativa (CIRP) com o Grupo Português de Superfície Ocular, Córnea e Contactologia (GPSOCC) revelou-se um sucesso, com uma elevada participação. O evento, realizado entre 22 e 24 de maio, em Albufeira, incidiu sobre temas de interesse das três subespecialidades, com ênfase na discussão de tópicos controversos e na exposição das mais recentes inovações médicas e cirúrgicas.

Matilde Dias e Pedro Bastos Reis

Nuno Branco

Alguns dos intervenientes no evento (esq. para a dta.): Fila da frente – Prof. Mayank Nanavaty, Dr. Ken Nischal, Dr. Vítor Maduro, Prof. Pedro Menéres, Dr. Miguel Raimundo, Dr.ª Ana Vide Escada, Dr. Miguel Mesquita Neves, Prof.ª Filomena Ribeiro e Prof. Inês Leal. 2.ª fila – Dr.ª Cláudia Costa Ferreira, Dr. Luís Oliveira, Dr.ª Helena Pereira, Dr.ª Isabel Prieto, Prof.ª Maria João Quadrado, Dr.ª Maria João Santos, Dr. Ricardo Parreira, Dr.ª Cristina Freitas, Dr.ª Sara Ramires Pinto e Dr.ª Diana Silveira e Silva. 3.ª fila – Dr.ª Ana Maria Cunha, Dr. Paulo Guerra, Dr.ª Ana Miguel Quintas, Dr. Vasco Miranda, Dr.ª Catarina Paiva, Dr.ª Ana Almeida e Dr.ª Joana Portelinha. 4.ª fila – Dr. Pedro Neves Cardoso, Dr. João Quadrado Gil, Prof. João Figueira, Dr.ª Ana Marta, Dr.ª Carolina Abreu, Dr. Pedro Manuel Baptista, Dr.ª Sílvia Monteiro e Dr. João Heitor Marques.

A reunião arrancou na tarde de quinta-feira, 22 de maio, com uma sessão dedicada às queratites infecciosas, “um tema absolutamente central para todos os oftalmologistas, pois o diagnóstico e o tratamento corretos e atempados são fulcrais, e nem sempre a apresentação clínica é óbvia”, conforme afirma o Dr. Miguel Mesquita Neves, coordenador do GPSOCC. Além disso, o especialista em córnea e cirurgia refrativa na Unidade Local de Saúde (ULS) de Santo António, no Porto, reforça a ideia de que “este grupo de patologias, pela sua alta incidência e potencial gravidade, merece um espaço regular de discussão nos eventos científicos”, reforçando a forte aposta na formação que tem vindo a ser feita pela Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO).

A sessão abriu com a Dr.ª Diana Silveira e Silva a falar sobre queratite bacteriana. “Para orientar o diagnóstico, é preciso ter em conta fatores como o uso de lentes de contacto, a imunossupressão, as doenças da superfície ocular, os fármacos tópicos ou possíveis casos de traumatismo”, afirma a oftalmologista na Unidade Local de Saúde (ULS) de Amadora/Sintra. A preletora chama ainda a atenção para a importância do “raspado corneano nos casos de úlcera central com mais de dois milímetros ou com reação de câmara anterior”, uma vez que este procedimento “permite identificar o agente em causa e o antibiótico ideal”.

Ao nível terapêutico, Diana Silveira e Silva defende a utilização de “fluoroquinolonas de quarta geração, como a moxifloxacina, nas úlceras de córnea sem critério de gravidade”. “Já os doentes com critérios de maior gravidade, com úlcera central e reação de câmara anterior, são idealmente geridos com uma combinação de antibióticos fortificados, tipicamente com cefalosporina ou vancomicina associada a aminoglicosídeos ou ceftazidima”, acrescenta.

Comentando esta sessão, Miguel Mesquita Neves, um dos moderadores, sublinha que “a etiologia bacteriana é a mais comum, embora o diagnóstico e o tratamento

sejam, frequentemente, mais desafiantes nas etiologias fúngica, vírica ou por *acanthamoeba*”. Neste âmbito, a Prof.ª Maria João Quadrado discorreu acerca dos desafios da queratite fúngica, advertindo para a dificuldade em “detetar e classificar o agente” na origem da patologia. “Muitas vezes, deparamo-nos com culturas negativas em que só passado algum tempo conseguimos chegar a um diagnóstico. Contudo, hoje em dia, já existem técnicas mais avançadas, nomeadamente o diagnóstico molecular”, introduz a oftalmologista na ULS de Coimbra.

Relativamente ao desafio terapêutico da queratite fúngica, a especialista nota que “os fármacos disponíveis não são fungicidas, mas sim fungistáticos, com fraca penetração ao nível do estroma”. “O tratamento é prolongado, o que pode culminar na perfuração da córnea e na necessidade urgente de transplante”, alerta.

O programa prosseguiu com uma sessão sobre miopia, na qual esteve em evidência o controlo farmacológico e óptico desta patologia em idade pediátrica, tendo ainda sido apresentado um algoritmo de correção e as especificidades da cirurgia do cristalino na alta miopia. “A miopia é um *hot topic* do momento, que tanto afeta crianças como adultos. A forma de a gerir é bastante variável e, na oftalmologia pediátrica, conseguimos um maior controlo sobre a progressão natural da doença”, salienta a Dr.ª Ana Vide Escada, coordenadora do GPOPE e oftalmologista na ULS de

Almada-Seixal.

O primeiro dia de reunião terminou com o Simpósio CIRP/GPSOCC, tendo estado em discussão a técnica de *Descemet stripping only* no tratamento da distrofia de Fuchs, o uso de lentes intraoculares (LIO) fáquicas de câmara anterior e a cirurgia de cristalino transparente. “Foi uma sessão de ‘ponto e contraponto’, que gerou muito debate entre os presentes”, recorda o Dr. Miguel Raimundo, coordenador da CIRP e oftalmologista na ULS de Coimbra.

O segundo dia de reunião, 23 de maio, começou com o simpósio CIRP/GPOPE, com destaque para a *keynote* do Dr. Ken Nischal sobre os consensos e as controvérsias na catarata pediátrica.



“A cirurgia é apenas o primeiro passo. O mais importante é garantir a reabilitação visual”, resume o oftalmologista no UPMC Children’s Hospital of Pittsburgh, nos Estados Unidos. Desta forma, é fulcral “garantir uma avaliação correta da criança antes da cirurgia”.

O especialista refletiu ainda acerca do tipo de LIO a utilizar e sobre critérios mais alargados em termos da idade dos doentes. “A principal controvérsia na catarata pediátrica é a idade para fazer o implante. Entre 3 meses e 1 ano de idade, penso que o podemos fazer com segurança”, sustenta o especialista, que explanou a técnica *two-incision push-pull capsulorhexis*, da sua autoria.

Comentando a conferência de Ken Nischal, Ana Vide Escada considera fundamental reter a importância dada ao conhecimento da anatomia. “As crianças não têm olhos adultos em ponto pequeno. Ter isto em mente é basilar para perceber qual a abordagem correta a adotar”, defende a coordenadora do GPOPE.

Após a conferência, seguiu-se a exposição de casos clínicos, tendo Miguel Raimundo apresentado três vídeos de “abordagens diferentes à cápsula posterior”, para demonstrar que “é obrigatório ser flexível na cirurgia de catarata”. “Num segundo momento, apresentei uma ferramenta de cálculo de LIO para catarata pediátrica, algo classicamente difícil e feito de forma ‘artesanal’ com recurso a nomogramas, agora passível de ser realizado *online* com algoritmos de previsão do crescimento do olho.”

Seguiu-se a conferência Pedro Abrantes, a cargo do **Prof. Mayank Nanavaty**, que abordou a pseudoacodomação. “A miopia ligeira, a aberração esférica total baixa, a pupila pequena e o comprimento axial curto são os quatro fatores que favorecem este fenómeno”, segundo o oftalmologista no University Hospitals Sussex NHS Foundation Trust, no Reino Unido.

Mayank Nanavaty destaca ainda o avanço tecnológico nas LIO, uma vez que “algumas das novas lentes não difrativas manipulam, de forma intencional, a aberração esférica para obter maior profundidade de campo”. “Estamos a avançar cada vez mais e, agora, somos capazes de prever, antecipadamente, a probabilidade de ocorrência de pseudoacomodação nos doentes”, realça o especialista. A manhã terminou com a cerimónia de abertura e a entrega de prémios (ver ao lado).

ECTASIA CORNEANA E NOVAS LIO

A parte da tarde iniciou-se com uma *masterclass* em ectasia corneana, “uma área em que tem havido uma evolução ao nível das armas diagnósticas e terapêuticas”, conforme refere Miguel Mesquita Neves. “Abordámos conceitos relacionados com a biomecânica, uma área de notável desenvolvimento científico nos últimos anos e que tem já um papel importante na prática clínica, nomeadamente no *screening* de doentes candidatos a cirurgia refrativa. Analisámos também todo o leque de possibilidades de tratamento no queratcone, nomeadamente o *crosslinking*, a implantação de segmentos de anel intraestromais corneanos e a queratoplastia lamelar anterior profunda [DALK, na sigla em inglês]. Terminámos a sessão com uma palestra muito interessante dedicada às especificidades na abordagem ao doente com ectasia pós-LASIK [*laser-assisted in-situ keratomileusis*]”, recorda o moderador.

Depois, decorreu uma sessão de *update* sobre classificação, seleção e tendências nas LIO, na qual a Dr.^a Carolina Abreu refletiu acerca das LIO monofocais avançadas, discorrendo sobre fatores como “a eficácia, a segurança, a robustez dos estudos, a viabilidade e a relação custo-efetividade”. “Ao contrário das lentes multifocais ou das lentes EDOF [*extended depth of focus*], as LIO monofocais avançadas não prejudicam a qualidade da visão, dando maior independência em termos de visão intermédia, o que é funcionalmente importante”, sustenta a oftalmologista na ULS de Santo António, no Porto.

Apesar de estas lentes terem “um potencial de uso mais universal”, o mais importante, segundo Carolina Abreu, é garantir que a escolha da lente é feita de forma individualizada, de acordo com as

Vencedores dos prémios

**Cantinho da
Fotografia – SPO
Jovem**
Dr. Daniel Ferreira
Cardoso – ULS de
Gaia/Espinho



Dr. Daniel Ferreira Cardoso,
Prof. Pedro Menéres e Dr.ª Ana Marta.

**E-poster de
superfície
ocular, córnea e
contactologia**
Dr. Pedro Marques
Couto, et al. – ULS
de São João, no
Porto



Dr. Miguel Mesquita Neves, Dr. Pedro Marques Couto
e Prof. Pedro Menéres.

**E-poster de
cirurgia implanto-
-refrativa**
Dr.ª Vera Sá Araújo,
et al. – ULS de
Braga



Dr. Miguel Raimundo, Dr.ª Vera Sá Araújo
e Prof. Pedro Menéres.

**E-poster de
oftalmologia
pediátrica e
estrabismo**
Dr. Pedro Mota-
-Moreira, et al.
– ULS de São João
(*ex aequo*)



Dr. Pedro Marques Couto (um dos autores
do trabalho), Dr.ª Ana Vide Escada
e Prof. Pedro Menéres.

**E-poster de
oftalmologia
pediátrica e
estrabismo**
Dr. Pedro Cardoso
Teixeira, et al.
– ULS de Entre
Douro e Vouga
(*ex aequo*)



Dr.ª Ana Vide Escada, Dr.ª Mariana Garcia (uma das
autoras do trabalho) e Prof. Pedro Menéres.

necessidades e expectativas do doente, mas também do seu contexto sistémico e ocular”. “Um doente que procure independência total dos óculos não ficará satisfeito com uma LIO monofocal avançada”, exemplifica a especialista, considerando que estas lentes “têm potencial para se tornarem o novo *standard* em casos de cirurgia de catarata”. Ainda assim, “são necessárias maior robustez científica e maior standardização dos resultados”.



UPDATE TERAPÊUTICO

A sessão de *update* em oftalmologia pediátrica e estrabismo, córnea e cirurgia implanto-refrativa inaugurou o último dia do evento, 24 de maio, com a **Dr.ª Rita Rodrigues** a discorrer acerca de inovações nas distrofias retinianas em idade pediátrica e na ambliopia. “A oftalmologia pediátrica é uma área com um grande desenvolvimento de novas tecnologias e tratamentos, estando muito ativa em termos de investigação”, enaltece a oftalmologista na ULS de São João, no Porto. E concretiza: “As inovações prendem-se, sobretudo, com a terapêutica, nomeadamente através da terapia génica em algumas distrofias da retina e do tratamento dicóptico da ambliopia”, contextualiza.

Neste sentido, explana a preletora, “o tratamento dicóptico tem demonstrado não inferioridade relativamente à oclusão convencional”, ao passo que a terapia génica “tem um impacto muito significativo em patologias muito devastadoras para a visão”. Já ao nível do diagnóstico, Rita Rodrigues realça o potencial papel da inteligência artificial no rastreio da retinopatia da prematuridade, nomeadamente “as inovações em termos de *machine learning* e de *screening* de uma patologia complexa, que exige um significativo grau de diferenciação e tem um elevado *burden*”.

O programa científico prosseguiu com a mesa-redonda de pérolas cirúrgicas em córnea e cirurgia do cristalino, na qual foram abordadas a técnica de *Descemet stripping only* na distrofia de Fuchs, a abordagem às microperfurações corneanas, as dicas para evitar o descolamento do lentículo na DMEK [queratoplastia endotelial da membrana de Descemet], o explante de LIO fáquica com cirurgia de catarata, a troca de LIO e a pupiloplastia. Esta última foi explorada por Diana Silveira e Silva, que apresentou os vários passos com a técnica *single-pass four-throw*.

“A pupiloplastia tem uma curva de aprendizagem de média dificuldade, sobretudo devido ao manejo da agulha dentro do olho e ao equilíbrio necessário entre levantar o tecido com uma micropinça e passar a agulha”, admite a oftalmologista na ULS de Amadora/Sintra. Nesse sentido, aconselha “um planeamento adequado da cirurgia, um bom posicionamento das paracenteses de apoio e o uso de uma agulha com curvatura”.

CÓRNEA EM IDADE PEDIÁTRICA E VÍDEOS CIRÚRGICOS

De seguida, Ken Nischal proferiu nova conferência, desta feita no Simpósio GPSOCC/GPOPE, sobre desafios e soluções na patologia da córnea em idade pediátrica. “É fundamental ter um bom sistema de classificação e saber qual o diagnóstico correto. Só depois entra a cirurgia, e aí devemos ter como objetivo garantir uma córnea que permita que a criança se consiga desenvolver o mais próximo possível da normalidade”, afirma o oftalmologista no UPMC Children’s Hospital of Pittsburgh.


Após a conferência do oftalmologista norte-americano, foram apresentados casos clínicos. “Às vezes, uma imagem vale mais do que mil palavras. Estas sessões são muito importantes para aprendermos uns com os outros, sobretudo na área pediátrica, na qual os casos são mais desafiantes”, realça o Dr. João Feijão, oftalmologista na ULS de São José, em Lisboa, e um dos moderadores.

Nesta mesa-redonda, a Dr.ª Catarina Paiva apresentou uma situação de perfuração corneana. “É um caso muito paradigmático, porque aborda questões de não vigilância da criança durante algum tempo, que nos deve fazer refletir”, resume a oftalmologista na ULS de Coimbra, considerando que esta situação é “assustadora”, exigindo um trabalho que envolva várias subespecialidades. “Só trabalhando em

equipa conseguimos fazer uma boa intervenção. No meu Serviço, por exemplo, temos consultas de córnea pediátrica e de cirurgia implanto-refrativa pediátrica”, realça.

O evento terminou com o habitual simpósio de vídeos, este ano com a particularidade de incluir a oftalmologia pediátrica e o estrabismo. Nesta vertente, Catarina Paiva expôs um caso de miopeia retroequatorial para tratamento do estrabismo. “É uma técnica cirúrgica que está a cair um pouco em desuso, porque os colegas mais novos têm receio de a fazer. Por isso, achei importante recordá-la, demonstrando os seus benefícios”, explica.

Por seu turno, na componente da córnea, João Feijão expôs um caso de um doente que sofreu um traumatismo ocular grave, “do qual resultou o descolamento da retina e consequentes catarata e aniridia traumáticas”. “O doente foi novamente submetido a cirurgia, devido à descompensação da córnea, e foi-lhe colocada uma LIO com íris incorporada e retirado o óleo de silicone. Foi uma cirurgia bastante desafiante, ainda que o resultado visual e funcional, infelizmente, não tenha sido bom, devido aos problemas causados na retina”, resume o oftalmologista na ULS de São José.

Por fim, Maria João Quadrado apresentou um vídeo de uma situação-limite de opacidade de córnea e rejeição ao transplante, tendo sido colocada uma córnea artificial. “Foi implantada uma queratoprótese num doente com amiloidose hereditária mediada por transtirretina, a única forma de lhe darmos alguma visão. É uma cirurgia-limite que está associada a algumas complicações”, remata a oftalmologista na ULS de Coimbra. 



Moderadores da sessão “Casos clínicos: Battle Royal” (da esq. para a dta.): Dr.ª Lígia Figueiredo, Dr. João Feijão e Dr.ª Filipa Teixeira.



Reportagem fotográfica da reunião e entrevistas em vídeo com os organizadores e alguns palestrantes

Balanço dos coordenadores

“A organização desta reunião foi uma experiência muito natural. Existem várias áreas de interseção, como é o caso da cirurgia de catarata em idade pediátrica, que requerem um *know-how* das várias subespecialidades, portanto, foi muito fácil encontrar e juntar os temas de forma harmoniosa. O balanço é extremamente positivo.” **Dr. Miguel Raimundo, coordenador da CIRP**

“Desde a primeira reunião entre coordenadores que identificámos muitos pontos em comum. Penso que conseguimos criar um programa científico diferente, original, interessante e criativo, que tornou esta reunião especial. E isso ficou comprovado com o enorme entusiasmo e a elevada participação ao longo dos três dias.” **Dr. Miguel Mesquita Neves, coordenador do GPSOCC**

“Penso que esta reunião foi um sucesso absoluto. Desde o início, foi muito fácil a comunicação entre os coordenadores de cada grupo e acredito que, da sinergia criada entre os três, surgiu um programa com temas transversais e de grande interesse para os oftalmologistas. A participação foi massiva, com a sala sempre cheia, o que comprova o sucesso da reunião.” **Dr.ª Ana Vide Escada, coordenadora do GPOPE**



Dr. Miguel Raimundo, Dr.ª Ana Vide Escada e Dr. Miguel Mesquita Neves.

"MiYOSMART É A LENTE COM MAIOR EVIDÊNCIA CIENTÍFICA NA GESTÃO DA MIOPIA INFANTIL ATÉ À DATA"

A miopia infantil tem uma prevalência de tal modo elevada na atualidade que se tornou num problema de saúde pública. Acresce que, em crianças e adolescentes, a miopia não tratada pode afetar o desempenho escolar, a qualidade de vida e aumentar o risco de doenças oculares graves na vida adulta. Quem o alerta é **Ricardo Cadete, country manager da HOYA**, que, em entrevista à *Visão SPO*, também fala sobre a importância de soluções para travar a progressão da miopia nas crianças, como a MiYOSMART. Esta lente para óculos utiliza a tecnologia de desfocagem incorporada de múltiplos segmentos (DIMS) e, com mais de 90 publicações científicas, é a lente com maior evidência científica, até à data, na gestão da miopia infantil disponível no mercado português.

O que sublinha sobre a trajetória das lentes para óculos MiYOSMART na gestão da miopia infantil e sobre a sua evidência clínica?

A miopia infantil tornou-se um problema de saúde pública. Lançada em 2018 pela HOYA, em parceria com a Universidade Politécnica de Hong Kong, a lente MiYOSMART utiliza a tecnologia de desfocagem incorporada de múltiplos segmentos (DIMS), com uma trajetória que é um exemplo de inovação baseada em ciência. A tecnologia DIMS combina uma zona central para correção da ametropia com múltiplos segmentos periféricos indutores de desfoque miópico, ajudando a abrandar o crescimento axial do olho – principal fator da progressão da miopia.

Um ensaio clínico randomizado, com a duração de dois anos, demonstrou uma redução média de 60% na progressão da miopia e no crescimento axial com a MiYOSMART, comparativamente às lentes unifocais. Estudos de seguimento a seis e oito anos confirmam a eficácia sustentada, sem efeito *rebound* após suspensão do tratamento.

Com mais de 90 publicações científicas, MiYOSMART é a lente com maior evidência científica, até à data, na gestão da miopia infantil disponível no mercado português. Importa ainda destacar que esta lente para óculos só foi introduzida nos mercados após a obtenção de resultados clínicos robustos, com dois anos de acompanhamento, que comprovaram a sua eficácia. Esta abordagem evidencia o compromisso da marca com a credibilidade científica e a responsabilidade clínica, posicionando MiYOSMART como uma solução segura, eficaz e baseada em evidência robusta para a gestão da miopia infantil.

Como tem sido a receptividade à lente MiYOSMART pelas crianças utilizadoras e suas famílias?

A MiYOSMART foi bem recebida pela combinação entre rigor científico e facilidade de uso. É confortável, não invasiva e de fácil adaptação, o que transmite confiança à prática clínica. A campanha "*Confidence through Evidence*" reforça a importância da gestão da miopia com base em estudos científicos, facilitando a sua integração no dia a dia. Os resultados na Europa são consistentes com os da Ásia, mostrando eficácia em diferentes etnias e contextos. As famílias valorizam a segurança e a praticidade da lente, que permite uma vida ativa sem restrições. As versões MiYOSMART SUN – Chameleon (fotocromática) e Sunbird (polarizada) – reforçam essa liberdade.

CONTEÚDO PATROCINADO



Divulgação



Qual é o papel dos oftalmologistas na prevenção e na gestão da miopia infantil? Como é que a MiYOSMART os pode apoiar?

Os oftalmologistas têm um papel crucial na gestão da miopia. O diagnóstico precoce, rastreios em idade escolar, avaliação do risco familiar e dos fatores ambientais são essenciais para identificar crianças em risco. Além disso, os oftalmologistas têm um papel fundamental na sensibilização dos pais para medidas preventivas como tempo ao ar livre, pausas visuais e redução do tempo em ecrãs. A MiYOSMART é uma ferramenta diferenciadora: não invasiva, cientificamente comprovada e eficaz desde as fases iniciais da miopia. A combinação entre prevenção e intervenção com MiYOSMART permite um papel mais ativo na proteção da visão das crianças.

Em que consiste o novo tratamento antirreflexo STX e que benefícios oferece às crianças?

O novo tratamento STX é um revestimento antirreflexo avançado, que melhora a experiência de uso: oferece melhor visão após longos períodos, é mais fácil de limpar e mantém os benefícios anteriores, como maior resistência a riscos e durabilidade. O tratamento STX está disponível em todas as versões da MiYOSMART: Clear, Chameleon e Sunbird. Esta inovação complementa a tecnologia DIMS, que continua a ser a base para a gestão da miopia infantil.

Porque decidiram lançar a campanha "Regresso às Aulas" e que mensagens transmite?

No passado mês de setembro, a HOYA lançou a campanha "Regresso às Aulas", porque este período do ano é uma oportunidade essencial para cuidar da saúde visual das crianças. O nosso principal objetivo é sensibilizar para o aumento da miopia infantil e a importância do diagnóstico precoce. A campanha inclui anúncios televisivos e materiais educativos que reforçam a necessidade de realizar exames oftalmológicos regularmente.

A mensagem que pretendemos transmitir é clara: a progressão da miopia pode ser travada com soluções eficazes como a lente MiYOSMART. Nesse sentido, a HOYA apela à responsabilidade conjunta de pais, educadores e oftalmologistas, para que se realizem rastreios visuais periódicos. É preciso não esquecer que, em crianças e adolescentes, a miopia não tratada pode afetar o desempenho escolar, a qualidade de vida e aumentar o risco de doenças oculares graves na vida adulta. 👁



VOLUNTARIADO EM OFTALMOLOGIA



A distribuição de refeições a pessoas sem-abrigo foi a primeira experiência de voluntariado da Dr.ª Vânia Lages, quando estava no último ano do curso de Medicina e ainda praticava voleibol federado. Em 2018, já no internato, participou numa missão humanitária de Oftalmologia na Guiné-Bissau, experiência que repetiu no início deste ano, em São Tomé e Príncipe. A oftalmologista na Unidade Local de Saúde (ULS) do Alto Ave/Hospital da Senhora da Oliveira, em Guimarães, revela que, sempre que possível, continuará a participar nestas missões que levam cuidados de saúde onde os recursos são escassos.

 Pedro Bastos Reis

era importante focar-me nos estudos para a prova nacional de acesso à especialidade”, explica a oftalmologista, admitindo que ainda tem “esperança” de voltar à modalidade, mas com intuito recreativo. “Sinto saudades de jogar voleibol por convívio, mas não da competição.”

Depois de terminar o curso de Medicina, Vânia Lages mudou-se para o Porto, onde completou o ano comum do internato geral, no Hospital de São João, e o internato da formação específica, no Hospital de Santo António. Em 2020, já especialista, começou a trabalhar no Hospital da Senhora da Oliveira, agora integrado na ULS do Alto Ave. “Com o nascimento da minha primeira filha e após a pandemia, percebi que, se me mudasse para Guimarães, cidade de onde é natural o meu marido, conseguiríamos conciliar melhor a vida profissional com a vida pessoal”, justifica.

Em Guimarães, a realidade clínica “é diferente” da que experientei durante o internato.

“Sendo um hospital mais pequeno, todos nos dedicamos à oftalmologia geral, o que acaba por ser um bom desafio, para nos mantermos atualizados em várias vertentes”, realça Vânia Lages, que, no entanto, continua a dedicar-se mais às suas áreas de especialização – a retina médica e a inflamação ocular.



A Dr.ª Vânia Lages (de pé, sexta a contar da esquerda) jogou em todos os escalões da equipa de voleibol do Sporting Clube de Braga.

Nascida em Braga, onde completou os seus estudos, incluindo o curso superior na Escola de Medicina da Universidade do Minho, Vânia Lages, hoje com 36 anos, começou a praticar natação federada quando ainda frequentava a escola primária. Contudo, pouco depois, trocou a natação pelo voleibol, embarcando numa “jornada” de cerca de dez anos nesse desporto, no qual passou por todos os escalões – dos infantis aos seniores –, sempre no Sporting Clube de Braga.

“Para poder continuar na equipa, entrei no curso de Medicina da Universidade do Minho [em 2007], conciliando os estudos com o voleibol de alta competição. Fomos campeãs nacionais em quase todos os escalões, exceto enquanto séniores, quando jogávamos na primeira divisão e o objetivo era não descer”, recorda Vânia Lages, que chegou a ser convocada para a Seleção Nacional de Voleibol.

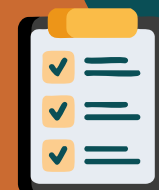
Conciliar os estudos com a atividade desportiva não foi fácil. “A vida académica pura teve de ficar de lado. O meu dia a dia tinha de ser muito regrado”, conta a médica, que parou de jogar voleibol em 2012, quando estava no último ano do curso, devido a uma lesão. “Recuperar a forma física após uma fratura no pé foi muito difícil. Acabei por desistir do voleibol, numa altura em que

MISSÕES HUMANITÁRIAS NA GUINÉ-BISSAU...

O voluntariado é outra vertente da realização de Vânia Lages, que, nos tempos de estudante universitária, participou em ações de distribuição de refeições a pessoas sem-abrigo. Em 2018, quando estava no quarto ano do internato, a vontade de “ajudar quem mais precisa e sair da zona de conforto” levou-a a participar na sua primeira missão humanitária em Oftalmologia. Tratou-se da 8.ª Missão Guiné, coordenada pelo Dr. Luís Gonçalves, no âmbito da qual quatro especialistas, duas internas, três enfermeiras, uma administrativa e uma psicóloga asseguraram cuidados oftalmológicos e formação a profissionais de saúde locais durante duas semanas.

LOGÍSTICA PARA UMA MISSÃO EM ÁFRICA

- ◆ Pedir autorização ao diretor do Serviço de Oftalmologia;
- ◆ Pedir comissão gratuita de serviço, licença especial para voluntariado ou férias;
- ◆ Tratar dos documentos necessários para a viagem (visto e passaporte);
- ◆ Ir à consulta do viajante;
- ◆ Tomar as vacinas necessárias (hepatite A e febre amarela);
- ◆ Fazer o tratamento profilático da malária.





Em 2018, quando estava no quarto ano do internato de Oftalmologia, Vânia Lages integrou a equipa de voluntários da 8.ª Missão Guiné, colaborando, sobretudo, ao nível da organização, da triagem de doentes e das consultas. Desta experiência humanitária, destaca “o excelente acolhimento da população local”, que afluía em massa ao atendimento oftalmológico dos profissionais de saúde portugueses.



PARTICIPANTES NA 8.ª MISSÃO GUINÉ (da esq. para a dta.): À frente – Ivone Meira (administrativa), Dr. Luís Gonçalves, Dr.ª Dalila Salomé e Dr.ª Vânia Lages. Ao centro – Enf.ª Regina Cunha, Dr.ª Joana Gonçalves e Dr.ª Mónica Santos. Atrás – Enf.ª Marta Vasconcelos, Dr. Dionísio Cortesão, Prof. Rufino Silva e Enf.ª Aida Vitorino.

“Quando chegámos a Bissau, tivemos de montar uma sala de consultas, um bloco operatório e o trajeto para os doentes passarem. Eu e a minha colega interna da missão, além de ajudarmos em todos os processos organizativos, demos consultas e realizámos exames, como biometrias”, conta Vânia Lages. A presença da equipa portuguesa foi “anunciada nas rádios e nas missas”, pelo que apareceram muitos doentes, que vinham de longe e a pé. “Na triagem, todas as pessoas eram avaliadas com recurso a um oftalmoscópio e, consoante a patologia, eram orientadas para consulta ou tinham alta com as devidas orientações. A doença mais frequente era a catarata, mas também tratámos muitos casos de olho seco, alergias oculares e conjuntivites. Nas consultas, as cataratas com maior impacto visual eram propostas para cirurgia”, recorda a oftalmologista.

Relativamente às duas semanas de voluntariado na Guiné-Bissau, Vânia Lages confessa as dificuldades do primeiro impacto. “Foi desafiante gerir o calor húmido, os cuidados com a prevenção da malária e a falta de conforto no alojamento”, descreve a oftalmologista, garantindo que esse desconforto inicial logo foi ultrapassado. “No dia seguinte, quando começámos a montar tudo e a ver os resultados do nosso esforço, os pormenores de conforto deixaram de ser importantes, porque estávamos lá por um objetivo maior.”

Além disso, Vânia Lages considera muito marcante “o envolvimento com a comunidade local”, embora admita que, “no final, fica um sentimento de que o trabalho desenvolvido não foi suficiente”. “Muitas pessoas foram operadas e tratadas naquelas duas semanas, mas há o lado frustrante de não conseguirmos ajudar toda a gente que precisa”, desabafa.

Fragmentos em vídeo da entrevista com a Dr.ª Vânia Lages



Missões humanitárias ativas

Segundo a Dr.ª Vânia Lages, atualmente, estão ativas três ações de voluntariado em Oftalmologia, devendo os interessados contactar os respetivos coordenadores:

Missão Visão Guiné (Dr.ª Paula Sepúlveda – paulasepulveda@sapo.pt);
Missão iSee São Tomé (Dr. Luís Dias Pereira – ldiaspereira@hotmail.com);
Missão Guiné (Dr. Luís Gonçalves – luisgoncalves.oft@gmail.com).



...E EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Passados sete anos e após o nascimento das duas filhas, Vânia Lages participou na sua segunda ação de voluntariado em Oftalmologia no início de 2025, desta vez ao abrigo da 45.ª Missão iSee São Tomé, organizada pelo Instituto Marquês de Valle Flôr e coordenada pelo Dr. Luís Dias Pereira. “Esta missão existe há vários anos e já ajudou a formar uma oftalmologista são-tomense, a Dr.ª Grimalde Trindade, providenciando apoio contínuo ao longo do ano através da telemedicina. A ação em que participei realizou-se no Serviço de Oftalmologia do Hospital Dr. Ayres de Menezes. As consultas já estavam agendadas e os doentes já tinham sido triados pela Dr.ª Grimalde. Além disso, tivemos apoio dos técnicos de ortóptica locais na pré-consulta, na qual confirmávamos os diagnósticos e agendávamos as cirurgias necessárias”, relata.

Os principais procedimentos realizados foram cirurgias de catarata, de pterígio e de glaucoma. Além da Dr.ª Vânia Lages, que estima ter realizado 16 cirurgias ao longo das duas semanas, integraram a equipa desta missão o Dr. Luís Dias Pereira, o Dr. João Leite e a Enf.ª Anabela Raposo. No final deste período em São Tomé e Príncipe, ficou o sentimento de dever cumprido. “Tenho a certeza de que, quando puder, vou repetir a experiência”, assegura a oftalmologista.

Vânia Lages lança o desafio aos colegas para que abracem este tipo de missões, que “têm um impacto direto na qualidade de vida de pessoas que vivem em contextos mais desfavorecidos, contribuindo também para o crescimento pessoal e profissional de quem as integra”. “É preciso querer ajudar, colaborar com a equipa e cumprir a ordem de trabalhos estipulada para a missão”, refere a oftalmologista, terminando com palavras de apreço para os organizadores. “Felizmente, temos colegas que tratam de tudo para que possamos participar nestas missões.”



Na 45.ª Missão iSee São Tomé, entre final de janeiro e início de fevereiro deste ano, a Dr.ª Vânia Lages dedicou-se, sobretudo, à realização de cirurgias, principalmente de catarata, mas também de pterígio. A enfermeira e os três oftalmologistas portugueses contaram com o auxílio de profissionais de saúde locais, incluindo a Dr.ª Grimalde Trindade, única oftalmologista em São Tomé e Príncipe, que se formou em Portugal.

Equipa portuguesa da 45.ª Missão iSee São Tomé com profissionais de saúde locais (da esq. para a dta.): À frente – Enf.ª Kassis Barros, Geraldo (assistente operacional) e Enf.ª Sandra Martins. Atrás – Dr. João Leite, Dr.ª Vânia Lages, Enf.ª Anabela Raposo, Dr. Luís Dias Pereira, Evelise (assistente operacional) e Dr.ª Grimalde Trindade.



RELIVE®

Gotas oftálmicas lubrificantes e humidificantes



USO DIÁRIO



OLHOS QUE REVIVEM

Cumpra a legislação vigente em matéria de produtos de saúde. Não utilizar em caso de alergia ou hipersensibilidade conhecida a qualquer um dos componentes. Não administrar simultaneamente com outros colírios. Leia as instruções antes de usar o dispositivo médico. Para mais informações deverá contactar o Fabricante Laboratórios Salvat, S.A

 **Salvat**